



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V- MINISTRO AUCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS – CCBSA
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

TEREZA LUDIMILA DE CASTRO CARDOSO

**A FORMAÇÃO DA CULTURA ACADÊMICA NO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA
UEPB: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DOS TCCs**

**JOÃO PESSOA-PB
2018**

TEREZA LUDIMILA DE CASTRO CARDOSO

**A FORMAÇÃO DA CULTURA ACADÊMICA NO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA
UEPB: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DOS TCCs**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquivologia, do Centro de Ciências Biológicas Sociais e Aplicada- CCBSA, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Arquivologia.

Área de concentração: Arquivologia e Sociedade

Linha de Pesquisa: Arquivo, Linguagem e Memória

Orientadora: Profa Dra Eliete Correia dos Santos

**JOÃO PESSOA-PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C268f Cardoso, Tereza Ludimila de Castro.
A formação da cultura acadêmica no curso de arquivologia da UEPB [manuscrito] : um estudo de caso a partir dos TCCs / Tereza Ludimila de Castro Cardoso. - 2018.
74 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos ,
Coordenação do Curso de Arquivologia - CCBSA."
1. Cultura acadêmica. 2. Arquivologia. 3. Produções acadêmicas. I. Título

21. ed. CDD 020.7

TEREZA LUDIMILA DE CASTRO CARDOSO

**A FORMAÇÃO DA CULTURA ACADÊMICA NO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA
UEPB: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DOS TCCs**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Arquivologia, do Centro de Ciências Biológicas Sociais e Aplicada- CCBSA, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Arquivologia.

Área de concentração: Arquivologia e Sociedade

Linha de Pesquisa: Arquivo, Linguagem e Memória

Aprovada em: 4/12/2018.

BANCA EXAMINADORA

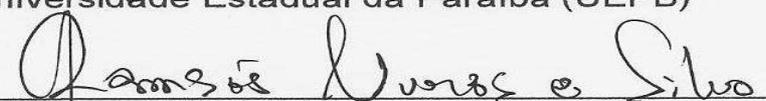


Prof. Dr^a. Eliete Correia dos Santos
(Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Josemar Henrique de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pela dedicação e por sempre acreditarem em mim, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

O momento de agradecer é um momento delicado, pois se você deixar de citar alguém acaba magoando, mas farei essa seção com bastante carinho e com cuidado para não esquecer ninguém.

À minha mainha em primeiro lugar por nunca deixar de me incentivar nos estudos e ser minha maior inspiração.

A meu pai por disseminar sua história com bastante maestria e sentir orgulho do que é, e fazer com que toda família sinta orgulho disso.

Aos meus filhos Yuri e Íkharo por eu servir de exemplo de determinação e de luta para eles e eles serem meu combustível para viver.

As minhas Tereza's queridas que tenho o privilégio de compartilhar não só o nome, mas também todos os momentos, minhas irmãs lindas.

Aos meus cunhados, Jesiel e Samhy, por acompanharem todo o processo e me incentivarem sempre.

Aos meus queridos professores em especial: Josemar, Ramsés, Anna Carla, Esmeralda, Andrea, Suerde, Danilo, Claudyaline, Nereida, Henrique, Naiany, Leonardo, por terem participado diretamente nesse processo de aprendizagem.

Ao meu amigo Antônio Grangeiro Xavier Júnior por me levantar a cada queda, que não foram poucas.

A José da xerox e sua equipe que sempre deu o seu melhor para nos atender, nos socorrer nos momentos difíceis deixando o pagamento para o outro dia, além de nunca se negar a comprar um rifa em prol de nossa turma.

A minha turma *Arquiguerreiros* por ser o símbolo de união e luta dentro do Campus V, deixará saudades eternas.

Ao "lado B" pelos dias de desabafo, companheirismo, compartilhamento, afeto e gratidão, agradeço à Wanessa Roberta, Jowbert Falcão, Zilmário Pitta, Vanessa Luma, Deane, Glébia Karla, Hadassa Vanessa.

A minha orientadora Eliete Correia dos Santos que sempre acreditou em mim. Tudo que eu fizer é pouco comparado ao que ela merece, fui, sou e sempre serei eternamente grata pelos seus ensinamentos, e pela oportunidade de participar do Projeto SESA, meu eterno obrigada!

“As complexas relações de reciprocidade com a palavra do outro em todos os campos da cultura e da atividade completam toda a vida do homem”. (BEZERRA, 2017, p.38).

RESUMO

A formação da Cultura Acadêmica é definida como um conjunto de normas e práticas corporizadas por docentes e discentes na universidade, caracterizando uma forma de desenvolver normas e práticas científicas. Os Trabalhos de Conclusão de Curso - TCCs dão possibilidade ao aluno de produzir sobre o campo científico na área de atuação, a partir de suas convicções acadêmicas e, ao mesmo tempo, que o enriquece mediante a pesquisa estabelecida. Este projeto é contínuo e investiga os gêneros acadêmicos em sua produção e recepção de textos e há 4 anos, participamos da vivência do projeto SESA - Seminário de Saberes Arquivísticos. Nesta etapa (2017/2018), o objetivo desta pesquisa consiste em analisar como a cultura acadêmica é formada no curso de Arquivologia na UEPB a partir de seus Trabalhos de Conclusão de Curso. O trabalho empreende discussões, desde a década de 1980, a exemplo do que seria o objeto de estudo da Arquivologia, assim, poderemos delinear um panorama local a cerca dessa discussão e compará-lo com os demais teóricos no assunto, evidenciando quais influências nossos graduandos estão absorvendo mediante ao que está sendo produzido ao final de sua trajetória acadêmica. Trata-se de uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa, descritiva e explicativa. Seguiu-se o Método de Investigação Quadripolar. Os dados foram coletados a partir do repositório institucional do site da UEPB, denominado DSpace, com o universo composto de 11.144 TCCs do qual fizemos um recorte temporal, do ano de 2014 até o ano de 2017 do curso de Arquivologia, com uma mostra de 230. A busca foi realizada pelas palavras-chave, título e resumo dos TCCs. Os resultados revelam que o gênero acadêmico mais utilizado pelos alunos ainda é a monografia, embora a partir do ano de 2016, relatório de estágio e artigo apresentaram significativo aumento, priorizando a Gestão Documental em uma perspectiva custodial, em detrimento de áreas não contempladas em suas pesquisas, demonstrando uma necessidade de atualização urgente. Aponta-se um panorama cultural que se permite conhecer melhor as tendências, áreas, fragilidades e limites da comunidade. A pesquisa sugere que, na contemporaneidade, a Arquivologia como ciência interdisciplinar deve ser mais investigada em outras linhas, distribuindo e ampliando as pesquisas nas variadas áreas do currículo pois uma universidade mais plural resulta do enfrentamento de relações de poder em forças centrípetas que consagram determinados paradigmas, que se sobrepõem às divergências e definem como normas coletivas para um grupo cultural o que é de interesse de poucos. Conclui-se que os TCCs oportunizam compreender as relações entre a expressão da individualidade e as pressões sociais que as determinam como manifestações culturais ideológicas e de poder, situadas no espaço e no tempo, um sistema aberto para o diálogo e o confronto de vozes que podem aparecer como transformadoras de uma realidade e que não há limites para relações dialógicas futuras.

Palavras-chave: Cultura Acadêmica. Arquivologia. Produções acadêmicas.

ABSTRACT

The formation of Academic Culture is defined as a set of norms and practices embodied by teachers and students at the university, characterizing a way to develop norms and scientific practices. The Course Completion Works - TCCs allow the student to produce the scientific field in the area of performance, from their academic convictions and, at the same time, enriches them through established research. This project is continuous and investigates the academic genres in its production and reception of texts and four years, we participated of experience in the SESA project-Seminar on Archival Knowledge. In this stage (2017/2018), the objective of this research is to analyze how the academic culture is formed in the Archiving course in the UEPB from its Works to Completion of Course. Since the 1980s, the work engage in discussions, and has been the subject of archival studies, so we can delineate a local panorama about this discussion and compare it with the other theorists in this subject, showing which influences our graduates are absorbing by what is being produced at the end of their academic trajectory. This is a quantitative-qualitative, descriptive and explanatory research. The Quadripolar Research Method was followed. The information were collected from the institutional repository of the UEPB site, called DSpace, with the universe composed of 11 144 TCCs from which we made a temporal cut from 2014 to 2017 of the Archivology course, with a exhibition of 230. The search was performed by the keywords, title and the TCCs' abstracts. The results reveal that the academic genre most used by the students is still the monograph, although from the year 2016, the report of stage and article presented a significant increase, prioritizing Document Management from a custodial perspective, to the detriment of areas not contemplated in their research, demonstrating a need for urgent updating. It is pointed out a cultural panorama that allows knowing better the tendencies, areas, fragilities and limits of the community. The research suggests that, in contemporary times, archivology as an interdisciplinary science must be further investigated in other lines, distributing and expanding research in the various areas of the curriculum because a more plural university results from the confrontation of power relations in centripetal forces that consecrate certain paradigms , which overlap disagreements and define as collective norms for a cultural group what is a few interest to. It is concluded that the TCCs opportune to understand the relations between the individuality expression and the social pressures that determine them as ideological cultural manifestations and of power, situated in space and time, an open system for the dialogue and the confrontation of voices that can appear as a reality transformers and there are no limits to future dialogic relations.

Keywords: Academic Culture. Archivology. Academic productions.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Principais pontos sobre exotopia e cronotopia.....	18
Quadro 2- Hipóteses sobre o objeto científico da Arquivologia por Schmidt (2012).....	20
Quadro 3- Processo Histórico da Arquivística em três fases.....	22
Quadro 4- Paradigmas em abandono e em adoção.....	23
Quadro 5- Natureza do conhecimento da Arquivologia, autor, país origem...	24
Quadro 6- História dos Arquivos.....	26
Quadro 7- Objeto de estudo da Arquivologia e Abordagens.....	27
Quadro 8- Pontos de ação sobre Literacia.....	34
Quadro 9- Modelo necessário para renovação profissional.....	36
Quadro 10- Universo e amostra.....	40
Quadro 11- Quantitativo de trabalhos de 2011 a 2013.....	41
Quadro 12- Quantidade de gênero por ano.....	47
Quadro 13- Assuntos TCCs ano 2014.....	49
Quadro 14- Palavras-chave que se repetiram em 2014.....	50
Quadro 15- Assuntos TCCs ano 2015.....	52
Quadro 16- Palavras-chave que se repetiram em 2015.....	53
Quadro 17- Assuntos TCCs ano 2016.....	54
Quadro 18- Palavras-chave que se repetiram em 2016.....	55
Quadro 19- Assuntos TCCs ano 2017.....	57
Quadro 20- Palavras-chave que se repetiram em 2017.....	58
Quadro 21- Distribuição dos Polos por ano.....	60
Quadro 22- Número de orientadores por ano.....	61
Quadro 23- Orientador e quantidade de orientações em 2014.....	62
Quadro 24- Orientador e quantidade de orientações em 2015.....	63
Quadro 25- Orientador e quantidade de orientações em 2016.....	64
Quadro 26- Orientador e quantidade de orientações em 2017.....	65
Quadro 27- Orientadores que orientaram durante os quatro anos	66

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1- Esquema da Metodologia Quadripolar de investigação aplicada.....	39
Figura 2- Esquematização para acesso às amostras.....	41
Figura 3- Abordagens para Objeto de estudo da Arquivologia adaptada para pesquisa.....	42
Figura 4- Representação do TCC no Dspace constando o ano 2014.....	45
Figura 5- Ficha catalográfica.....	45
Figura 6- Resumo com palavras-chave conforme o trabalh.....	46
Gráfico 1- Gêneros acadêmicos utilizados nos TCCs de 2014 a 2017.....	48
Gráfico 2- Produções de TCCs por ano.....	49
Gráfico 3- Quantidade de Polos durante o quadriênio.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CI	Ciência da Informação
DeCS	Descritores em Ciência da Saúde
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
ESPEP	Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba
LI	Literacia Informacional
OE	Orientador Efetivo
OS	Orientador Substituto
SESA	Seminário de Saberes Arquivísticos
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 EXPLORANDO A FORMAÇÃO DE UMA CULTURA ACADÊMICA	16
2.1 CULTURA E GÊNERO: TEORIA BAKHTINIANA	16
2.2 OBJETO CIENTÍFICO DA ARQUIVOLOGIA.....	19
2.2.1 Arquivo e documento de arquivo como objeto	28
2.2.2 Informação como objeto.....	29
2.2.3 Objeto científico da Arquivologia no Brasil	31
2.3 LITERACIA INFORMACIONAL.....	33
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	38
3.1 METODOLOGIA QUADRIPOLAR DE INVESTIGAÇÃO APLICADA.....	38
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA, CAMPO EMPÍRICO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS E ANÁLISE DOS DADOS	39
4 DESVELANDO A FORMAÇÃO CULTURAL DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA: DOS TCCS AOS OBJETOS CIENTÍFICOS	44
4.1 O PERFIL DE ÁREAS ESCOLHIDAS NOS TCCS DE 2014 A 2017	44
4.2 QUATRO POLOS PARA OLHAR O OBJETO DE PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA: TENDÊNCIAS CULTURAIS SENDO FORMADAS	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS.....	72

1 INTRODUÇÃO

“Para cada indivíduo, todas as palavras se dividem nas suas próprias palavras e nas do outro, mas as fronteiras entre elas podem confundir-se, e nessas fronteiras desenvolve-se uma tensa luta dialógica”.
(Bezerra, 2017, p.38).

A formação de uma cultura acadêmica é algo que não costumamos discutir, no entanto ela existe e precisa ser desvendada. Esta pesquisa aborda, a partir dos trabalhos de conclusão do curso de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, sobre o que está sendo produzido, quem são os responsáveis pela formação dessa cultura, que área da Arquivologia os discentes mais se debruçam? Que assuntos são mais abordados? Quais docentes têm mais influência nesse contexto? São questionamentos que nos remetem à formação de cada discente e como estes estão sendo influenciados, assim como, qual o entendimento que cada um tem sobre o objeto da Arquivologia.

A discussão acerca do assunto, objeto científico da Arquivologia, vem ganhando bastante espaço e muitos autores nacionais e internacionais da área estão cada vez mais enfatizando e fazendo provocações sobre o objeto da Arquivologia. Partindo desse princípio, esta pesquisa vem a contribuir dentro de nossa comunidade acadêmica, apontando um “raio x” de nossa realidade científica, em que poderemos comparar com a realidade nacional e internacional, visto que já existem preocupações de vários pesquisadores com o assunto.

A partir da década de 1980, surge o período da “crise de identidade” e/ou da “mudança de paradigma” para a Arquivologia, é nesse momento que as diferentes definições atribuídas ao objeto científico da Arquivologia se configuram, desde então, observamos uma cruzada entre as abordagens “Pós-Moderna” e/ou “Pós-Custodial”, frente às abordagens mais “Tradicionais” e/ou “Custodiais”. (SCHMIDT, 2017).

O interesse acerca do tema surgiu a partir da vivência como monitora da disciplina Oficina de Texto, que a partir do segundo período já propunha aos estudantes uma produção científica, assim como ser integrante do Grupo de Pesquisa Arquivologia e Sociedade – GPAS/CNPq, principalmente, do Projeto de Pesquisa **Linguagem, cultura e memória: investigando as fronteiras do projeto**

SESA – PROPESQ/UEPB e atuar como aluna do PIBIC/CNPq - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, durante três anos consecutivos (um sem bolsa e dois com bolsa), tivemos a oportunidade de abordamos sobre produção científica, memória, cultura, dentre outros assuntos, por isso surgiu o interesse de aprofundarmos mais, em querer saber que abordagem científica os alunos estão delineando ao final do curso, evidenciado a partir de quais áreas os estudantes encontram-se interessando mais e quais temas são mais abordados.

Os Trabalhos de Conclusão de Curso dão a possibilidade ao aluno de produzir a partir de suas convicções acadêmicas, ao mesmo tempo que enriquece, mediante a pesquisa estabelecida, o campo científico na área de atuação, aprimorando, evidenciando, apontando para um olhar mais aguçado sobre algo. Desse modo, coloca-se, aqui, em foco discussões que desde a década de 1980 é bastante debatido, a exemplo do que seria o objeto de estudo da Arquivologia, assim, poderemos delinear um panorama local a cerca dessa discussão e compará-lo com os demais teóricos no assunto, evidenciando quais influências nossos graduandos estão absorvendo mediante ao que está sendo produzido ao final de sua trajetória acadêmica.

Dessa forma, o interesse pelo tema parte da relevância que este tem para oferecer subsídios informacionais acerca do que está sendo construído na cultura acadêmica e, até que ponto, isso traz transformações para a comunidade científica. Conforme Schmidt (2017, p. 171), “faz-se necessário que se aponte nossa compreensão quanto ao papel das Funções Arquivísticas”. A autora também destaca que o objeto científico é algo que atribui identidade ao campo disciplinar, no âmbito científico seu campo de estudo é determinado a partir de seu objeto, cada área conhece e interpreta de uma maneira específica os fenômenos de acordo com um referencial. Sobre a Arquivologia especificamente, Schmidt (2017) destaca que, as diferentes nuances sobre o objeto científico, é proveniente de vários processos, dentre eles podemos destacar o histórico e epistemológico, estes entrelaçados nas evoluções e mudanças das naturezas dos registros, da própria produção documental e do uso de documentos e informações.

A cultura acadêmica muitas vezes também chamada de cultura universitária é definida como sendo um conjunto de normas e práticas corporizadas por docentes e discentes na universidade, caracterizando uma forma de desenvolver normas e práticas científicas. Partindo desse pressuposto e dos objetivos propostos a seguir,

este trabalho permite a partir da análise dos TCCs dos graduandos em Arquivologia da UEPB, qual a visão que estes têm de uma Arquivologia como ciência a partir de seu objeto, oferecendo a esta comunidade científica parâmetros para reflexões de destaque social e acadêmico.

Em face a essa inquietação, o nosso objetivo geral é:

- Analisar como a cultura acadêmica é formada no curso de Arquivologia na UEPB a partir de seus TCCs.

Os objetivos específicos são:

- Fazer um levantamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso dos graduandos em Arquivologia da UEPB traçando um perfil de áreas escolhidas nos anos de 2014, 2015, 2016, 2017;
- Evidenciar os assuntos mais abordados, mostrando quais objetos científicos da Arquivologia são mais referenciados;
- Apontar quais tendências estão sendo criadas no curso de Arquivologia.

Esta pesquisa está organizada em cinco seções: a primeira faz um breve levantamento do que nos propomos a pesquisar e seus objetivos, a segunda explora através da revisão de literatura assuntos pertinentes à formação de uma cultura acadêmica do curso de Arquivologia. Na terceira, apresentamos o aparato metodológico utilizado, seguindo com a análise de dados desvelando a formação cultural do curso de Arquivologia (quarta seção) e, consecutivamente, na quinta seção, as considerações finais.

2 EXPLORANDO A FORMAÇÃO DE UMA CULTURA ACADÊMICA

“Bakhtin não vai teorizar sobre o gênero, levando em conta o produto, mas o processo de sua produção. Interessam-lhe menos as propriedades formais dos gêneros do que a maneira como eles se constituem. Seu ponto de partida é o vínculo intrínseco existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação”. (FIORIN, 2016, p.68).

Neste capítulo, tratamos sobre os temas pertinentes à formação da Cultura Acadêmica. Organizamos em três subseções: Na primeira, sob a luz da teoria bakhtiniana, expomos sobre cultura e gênero; na segunda, apresentamos sobre o objeto de pesquisa na Arquivologia e suas variadas vertentes; na terceira, explanamos sobre a Literacia Informacional tão imprescindível na formação cultural dos educandos.

2.1 CULTURA E GÊNERO: TEORIA BAKHTINIANA

Ao longo da graduação em Arquivologia tivemos a oportunidade de conhecer um pouco sobre a teoria bakhtiniana a qual nos traz um grande enriquecimento do ponto de vista acadêmico e pessoal, assim: acadêmico por explicar elementos necessários para a formação da construção do conhecimento levando em conta todo seu processo de construção; e pessoal por exigir reflexões acerca de tudo que estamos a construir, pois requer uma relação direta com o que utilizamos enquanto linguagem e nossas atividades humanas.

O discente no início, logo quando se insere no meio acadêmico, ao deter-se com a cultura universitária é como se tivesse frente a frente com uma cultura estrangeira, e muitas vezes chegam ao término do curso ainda com algum déficit de aprendizagem. Nesse contexto, comprovamos tal situação mediante a uma pesquisa que fizemos intitulada, *Vivências acadêmicas: a evolução dos discentes do Curso de Arquivologia da UEPB na produção textual a partir do projeto SESA* (CARDOSO, 2017), a qual os alunos do segundo período do curso de Arquivologia da UEPB, quando confrontados a escrever um artigo, apontavam-nos sobre suas principais dificuldades, dentre essas: escrever de forma correta, saber utilizar sinônimos, falta de aprofundamento teórico, normas da ABNT e entender textos acadêmicos. O

estudo também apresentava instrumentos acadêmicos no intuito de minimizar esse processo doloroso de se deparar com uma cultura nova e complexa como a acadêmica.

Quando falamos em cultura entendemos como um fenômeno que estabelece parâmetros através de práticas por um determinado grupo de pessoas. Podemos dizer que a cultura acadêmica está diretamente ligada ao que produzimos. Bakhtin traz o gênero acadêmico como uma manifestação de cultura, para que possamos entender isso, faz-se necessário estabelecer dimensões espaciais e temporais das representações e de como isto interage no tocante ao discurso, dessa forma o gênero passa a ser a formalidade das vozes na temporalidade tanto da cultura como nas civilizações, de acordo com Santos (2013).

Os gêneros só podem ser pensados a partir da dimensão espacial e temporal e devem ser pensados como uma ação de manifestação cultural específica de acordo com a esfera do uso, num *continuum* relacional e dialógico. Nos textos de Bakhtin, a relação espaço-tempo é estudada em dois conceitos construídos em momentos distintos: cronotopo e exotopia. (SANTOS, 2013, p. 150).

Para que possamos entender a proposta de cultura em Bakhtin, é necessário que aceitemos a quebra de paradigmas que ele expõe. De acordo com Bezerra (2017), a ciência da literatura deve estabelecer uma relação mais afinada com a história da cultura, pois a literatura é parte indivisível da cultura, não podemos vê-la fora de um contexto cultural de uma época, dessa forma, os fatores socioeconômicos entram infiltrados na cultura e não diretamente na literatura, “e a cultura gerada por tais fatores que sedimenta o universo da literatura e nos permite identificar numa obra literária o espaço e o tempo de sua produção, assim como os valores e relações humanas aí vigentes” (BEZERRA, 2017, p. 82).

Ao tratar dessa realidade para o nosso cotidiano acadêmico, observamos o quanto que essa teoria se enquadra perfeitamente, o tempo e o espaço de aprender são determinados pelo movimento, nada pode permanecer estático. Para Santos (2013), as transformações tecnológicas impõem novas maneiras de aprender e ensinar, sendo necessário se adaptar ao novo constantemente.

As transformações tecnológicas impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender, o estado de aprendizagem é constante, é de se adaptar ao novo. Além disso, múltiplas são as agências que apresentam informações e conhecimentos a que se pode ter acesso, sem a obrigatoriedade de deslocamentos físicos até as instituições tradicionais de ensino para aprender. Nesse sentido, não podemos

falar de espaço e tempo fora do exterior a nós. (SANTOS, 2013, p. 158).

O filósofo Bakhtin, em sua teoria, nos apresenta seu conceito de tempo e extralocalidade que no Brasil ficou conhecido como exotopia, nela o leitor terá sempre uma interpretação dialógica centrado na cultura e nas relações culturais que estas obras se consolidam, colocando-se não como um mero leitor, mas como um “cocriador”, pois a partir de seu entendimento, da atualidade em que vive e seu meio social estará dando uma nova leitura a obras que foram criadas em outras realidades, é como se essa nova leitura sofresse uma nova adaptação e ressurgisse dando um novo sentido, mas sem perder sua essência.

Ele atualiza até onde é possível os sentidos (até onde é possível porque, diferentemente do significado, que é rígido, o sentido é flexivo e redivivo, desconhece limite e acabamento e, como diz o próprio Bakhtin, “é potencialmente infinito”) que o autor pôs em sua obra e, trazendo-a para a atualidade de intérprete extralocalizado e distanciado no espaço, no tempo e na cultura e acrescenta novos sentidos à obra, fazendo-a renascer em nova qualidade. Assim, a interpretação criadora é uma criação compartilhada, “completa o texto”, “dá continuidade à criação”, ou seja, faz o intérprete um criador compartilhante que Bakhtin chama de *cocriador*, que “multiplica a riqueza artística da humanidade”. Note-se que Bakhtin fala de cocriação como um momento da interpretação, como transformação do alheio no “alheio-próprio”. Não fala de coautoria, conceito inexistente em sua teoria da interpretação. (BEZERRA, 2017, p. 94-95).

Com relação à exotopia e cronotopia, elencaremos os principais pontos de abordagem resumidos por Machado (2005).

Quadro 1- Principais pontos sobre exotopia e cronotopia

PONTO 1	PONTO 2	PONTO 3	PONTO 4
As obras, assim como todos os sistemas da cultura, são fenômenos marcados pela mobilidade no tempo e no espaço.	A cultura é uma unidade aberta, não um sistema fechado em suas possibilidades.	Compreender um sistema cultural é dirigir a ele um olhar extraposto	As possibilidades discursivas num diálogo são tão infinitas quanto às possibilidades de uso da língua. Os gêneros discursivos criam elos entre os elementos heterogêneos culturais.

Fonte: Machado (2005, p. 159-161).

Os quatro pontos mencionados nos possibilitam compreender as relações existentes entre a individualidade, enquanto expressão, e as pressões sociais que determinam, segundo Santos (2013, p. 156) “como manifestações culturais situadas no tempo e no espaço, um sistema aberto que não há limites para relações dialógicas futuras”.

Segundo Fiorin (2016) não se produzem enunciados fora da esfera de ação, ou seja, cada ser humano age em cada esfera de atividade, as da escola, as do trabalho, as das relações de amizade, na família e assim por diante, isso significa dizer que os enunciados são determinados pelas finalidades de cada esfera.

Os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atuação. Eles estabelecem, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida introduz-se na linguagem. Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades. Conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação. (FIORIN, 2016, p. 69).

Nessa perspectiva, a teoria bakhtiniana corrobora com nossa pesquisa de uma forma direta, trazendo o seu conceito tão peculiar de cultura e contextualizando os gêneros acadêmicos como uma construção interligada à cultura acadêmica e seus demais fatores.

2.2 OBJETO CIENTÍFICO DA ARQUIVOLOGIA

Sobre o objeto científico da Arquivologia utilizaremos como fontes teóricas a tese de doutorado de Schmidt¹ (2012), cujo tema é *Arquivologia e a construção do seu objeto científico: concepções, trajetórias, contextualizações*, além de seu artigo publicado a princípio no XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação- ENANCIB (2013), *Entre o documento de arquivo e a informação*

¹ Outros autores brasileiros como, Vanderlei Batista dos Santos (2015) e Angélica Alves da Cunha Marques (2017) ambos da Universidade de Brasília- UnB, também abordam sobre a construção do Objeto Científico da Arquivologia.

arquivística: reflexões acerca do objeto científico da Arquivologia, por acreditarmos nas contribuições que a autora aduz sobre o assunto.

Para que uma área seja considerada científica, é necessário que seu objeto de estudo seja bem definido e reconhecido por sua comunidade. Na Arquivologia, o objeto de estudo foi resultado de construções ao longo do tempo e diferentes contextos do processo de elaboração do conhecimento, mesmo assim há discordâncias em vários aspectos, conforme pontua Schmidt (2012) podendo, inclusive, essa diferença de definição do objeto científico imputar problemas metodológicos e de desenvolvimento da disciplina.

Importante pontuar que diferenças dessa natureza podem também configurar em mudanças estruturais no âmbito de um campo científico. Parte-se do pressuposto que a Arquivologia tem diferentes objetos definidos, por distintos autores e abordagens epistemológicas, o que causa discordâncias em relação ao seu estatuto científico, bem como diferenças nas compreensões e uso de seus Princípios e de suas Funções. (SCHMIDT, 2012, p. 35).

Em sua pesquisa, Schmidt elenca três hipóteses, as quais passamos a chamá-las de tese, sobre o objeto científico da Arquivologia, fazendo uma observação tanto do cenário brasileiro como no cenário internacional, além de correlacioná-lo com a evolução tecnológica, as teses trazidas pela autora nos fazem refletir sobre sua construção e seus principais embates dentro do campo científico.

Quadro 2- Hipóteses sobre o objeto científico da Arquivologia por Schmidt (2012)

TESE 1	TESE 2	TESE 3
Não há, pela comunidade da Arquivologia, consenso em relação à natureza do seu conhecimento, favorecendo que questões como a constituição e a definição de Objeto científico não sejam aprofundadas, tampouco priorizadas. Deve-se a isso sua origem eminentemente do FAZER.	No Brasil, as diferentes definições acerca do Objeto científico da Arquivologia, polarizadas entre documento de arquivo x informação arquivística, têm como principal origem o processo de configuração acadêmico-institucional da Ciência da Informação e da Arquivologia, sendo a primeira considerada de vanguarda e mais adequada para a atual “Sociedade da Informação” em relação à segunda.	O que desencadeia a construção de diferentes definições acerca do Objeto científico da Arquivologia são as transformações do objeto de trabalho de arquivista, decorrentes do progresso de tecnologia.

Fonte: Schmidt (2012, p. 37).

A segunda hipótese aponta para o cenário nacional o qual polariza o Objeto entre o documento de arquivo e a informação arquivística, sendo o primeiro o paradigma custodial e o segundo o paradigma pós-custodial, além disso, considera que mediante a atual conjuntura denominada de “Sociedade da Informação” o paradigma mais adequado a esta realidade é a pós-custodial. De acordo com Soares, Pinto e Silva (2015), com o advento das transformações no âmbito mundial, o surgimento do computador, assim como, a criação da internet e sua expansão global, ocasionou uma transformação social, político e econômico corroborando para o desenvolvimento da tecnologia, principalmente da telecomunicação e computação. Mediante isso, a Arquivologia sofre mudanças na teoria e prática dos arquivos, com isso, surgem discussões e reflexões sobre seu objeto de estudo, princípios, teorias, relações interdisciplinares, inclusive quando ao seu status científico.

O paradigma pós-custodial, emergente no final do século XX, possui uma perspectiva que coloca a Arquivística no campo da Ciência da Informação, pois entende que o objeto científico da mesma não pode mais ser o documento de arquivo, mas sim a informação. Por esse motivo, esse paradigma contrapõe-se ao paradigma custodial voltado para valorização do documento de arquivo de valor permanente. (SOARES; PINTO; SILVA, 2015 p. 22).

Devido às novas concepções tecnológicas e do movimento positivista, ao longo do tempo, a Arquivologia foi se desvinculando de outras áreas como: História, Artes, Literatura, Biblioteconomia e Museologia, assim como, segundo Soares, Pinto e Silva (2015), houve a partir da publicação do “Manual dos Arquivistas Holandeses” em 1898 a formalização da Arquivística enquanto disciplina. Posterior à publicação do “Manual dos Arquivistas Holandeses” foram publicados outros manuais, tais como: Manual of Archive Administration, publicado em 1922, na Inglaterra, de autoria de Hilary Jenkinson; Archivistica, publicado em 1929, na Itália, por Eugenio Casanova, entre outros manuais e demais obras, os quais manifestaram e guiaram a aplicação nos arquivos.

Apesar das publicações dos manuais oferecerem muitas contribuições na área, é importante salientar que o principal norteador das práticas arquivísticas, o princípio da proveniência foi anterior a estas publicações, advindo do acúmulo de documentos durante a Revolução Francesa.

Para Silva et al. (1999), a Arquivologia em seu processo histórico apresenta-se em três fases, conforme quadro 3:

Quadro 3- Processo Histórico da Arquivística em três fases

FASES	PERÍODO	CARACTERÍSTICAS
1- FASE SINCRÉTICA E CUSTODIAL	Século XVIII- 1898	Marcada pelo surgimento dos arquivos históricos e a Arquivística surge ligada à Paleografia e a Diplomática, exercendo função de disciplina auxiliar da História; neste período surgem o princípio da proveniência e a noção de fundo.
2- FASE TÉCNICA E CUSTODIAL	De 1898 a 1980	Ocorre a especialização profissional do arquivista, momento em que os arquivos administrativos passam a ser gerenciados com o controle e avaliação de documentos, em todo seu ciclo de vida.
3- FASE CIENTÍFICA E PÓS CUSTODIAL	A partir de 1980	O arquivista é um profissional da informação, os arquivos passam a ser vistos como sistemas de informação, introduzindo, portanto, a Arquivística no campo da Ciência da Informação.

Fonte: Adaptado de Silva et al. (1999, p. 210).

A Arquivologia apresenta diferentes perspectivas, dentre os quais Schmidt (2012) observa que algumas se mobilizam para a abordagem mais tradicional, ou seja, custodial, ainda interessando-se pelos documentos históricos, e seus suportes, enquanto outras para uma pós-moderna, pós-custodial, voltada para a informação e o processo de produção documental, além dos aportes tecnológicos envolvidos. Ainda com relação a essa mudança de paradigma, Santos (2011 *apud* SOARES, PINTO E SILVA, 2015) apresenta as modificações mediante a essas novas transformações. No quadro a seguir, o autor mostra o paradigma que está em abandono e o paradigma que está em adoção.

Quadro 4- Paradigmas em abandono e em adoção

	PARADIGMA EM ABANDONO	PARADIGMA EM ADOÇÃO
Denominação	Custodial, clássico, moderno, historicista, empírico-patrimonialista, tecnicista, estático.	Pós-custodial, pós-moderno, dinâmico, informacional, científico.
Visão da Arquivística	Histórico-erudita, voltada aos acervos históricos, ou bibliodocumentária, voltada à gestão de documentos; descritiva.	Integrada ou contínua; interpretativa do contexto funcional.
Objetivo da disciplina	Preservação da memória registrada nos arquivos, para comprovação de direitos e obrigações, e resgate da história.	Eficiência e eficácia administrativa, pelo uso da informação de alta qualidade como instrumento de apoio à tomada de decisões na instituição.
Preservação	Guarda e conservação dos documentos (papel) como fonte de memória legitimadora do Estado.	Custódia e preservação das informações pela necessidade de garantir o acesso público.
Objetivo	Instituições de arquivo, fundos documentais, documentos de arquivo.	Informação arquivística, arquivo como sistema de informação.
Profissional	Conservador e guardador de papéis.	Gestor de informações orgânicas e, ao mesmo tempo, construtor da memória.
Acervo	Documentos em papel, fotografias e, com menor ênfase, filmes e sonoros.	Documentos tradicionais e digitais.
Instrumentos	Inventário, protocolo, uniformização das formas documentais, classificação, avaliação.	Gestão de processos de negócio, classificação e avaliação funcional, vocabulário controlado, normas de descrição; retomada dos métodos da Diplomática

Fonte: Adaptado de Santos (2011, p.123, apud SOARES; PINTO; SILVA, 2015, p.27-28).

Fica evidente que o paradigma pós-custodial veio para se estabelecer no campo arquivístico, não só devido ao advento tecnológico, mas também pela

necessidade de aproximação à CI, a atual “Era da Informação” e as novas abordagens tecnológicas, ocasionando também a transformação do novo profissional que deverá estar preparado para abarcar todas estas variações, com isso, a Arquivística expandiu sua teoria e prática com novas abordagens, com o intuito de solucionar os problemas contemporâneos.

Outra discussão acerca da Arquivologia é sobre como é vista por alguns autores: técnica, disciplina ou ciência? Para Schmidt (2012) se faz necessário uma reflexão sobre como essas variantes acompanham à natureza de seu conhecimento, se se trata de uma ciência autônoma ou vinculada à Ciência da Informação, disciplina ou técnica, assim como, estão sendo criadas por alguns pesquisadores da área. A pesquisadora justifica esta análise, por permitir compreender as diversas maneiras que vem sendo construído o campo dos arquivos nesta perspectiva e quais referenciais, para que então possam buscar relações dessas construções com as diferenças que coabitam no que tange às diferentes definições acerca de seu objeto científico. O quadro a seguir traz uma síntese das definições no que se refere à natureza do conhecimento da Arquivologia por autor e país de origem.

Quadro 5- Natureza do conhecimento da Arquivologia, autor, país e origem

PAÍS	AUTOR	DEFINIÇÃO
Alemanha	Adolf Brenneke	Ciência
Argentina	Aurelio Tanodi	Disciplina técnica, jovem e moderna
Brasil	Astréa de Moraes Castro	Ciência dos arquivos
Brasil	Natália Tognoli	Disciplina científica inserida na Ciência da Informação
Brasil	Heloísa Bellotto Vanderlei Batista dos Santos Angélica Marques	Disciplina
Brasil	Esposel	Ciência auxiliar da História/disciplina
Canadá	Carol Couture, Jean Yves Rousseau, Jacques Ducharme, Louise Gagnon-Arguin	Disciplina científica da Ciência da Informação
Canadá	Terry Cook, Tom Nesmith, Laura Millar, David Bearman, Barbara Craig, Richard Brown, Brian Brown	Disciplina científica
Canadá	Heather MacNeil, Terry	Ciência

	Eastwood	
Canadá/EUA	Hugh Taylor	Disciplina científica
Canadá/Ítalia	Luciana Duranti, Paola Carucci	Ciência
Espanha	Ramon Alberch Fugueras, Concepción Mendo Carmona, Antonia Heredia, Maria Paz Martín-Pozuelo Campillos	Ciência
Espanha	Maria Del Carmen Rodriguez López	Ciências da Informação
Espanha	Jose Ramon Cruz Mundet	Ciência Emergente
Espanha	Antonio Àngel Ruiz Rodríguez	Ciência em Formação
Estados Unidos	David B. Gracy	Disciplina científica da Ciência da Informação
Estados Unidos	Schellenberg	Ciência
França	Michel Duchein, Robert Henri-Bautier, Bruno Delmas	Ciência
França	Le Coadic	Ciência auxiliar da História
Holanda	Theo Thomassen	Disciplina em desenvolvimento
Holanda	Eric Ketelaar	Ciência
Inglaterra	Hilary Jenkinson	Ciência
Itália	Giulio Battelli	Disciplina de caráter eminentemente prático
Itália	Elio Lodolini, Eugenio Casanova	Ciência
México	Merizanda Ramírez Aceves	Ciência
México	Silvana Elisa Cruz Domínguez	Disciplina Científica em desenvolvimento
Portugal	Fernanda Ribeiro, Armando Malheiro	Disciplina da Ciência da Informação

Fonte: Adaptado de Schmidt (2012, p. 85-86).²

A diversidade com que os pesquisadores da área definem a Arquivologia, seja como, disciplina, ciência, Ciência da Informação, etc, de acordo com Schmidt (2012) expressam elementos que estão intrínsecos no campo científico da Arquivologia, que emergem como prenúncios possíveis para a configuração e permanência nas atuais diferenças na definição de seu Objeto científico.

Constatam-se as divergências entre os autores sobre o status científico da Arquivística, perspectivas que entendem essa como ciência emergente, disciplina, ciência da informação social, ciência e

² Acrescentamos dois autores à lista organizada por Schmidt, a saber: Angélica Marques e Vanderlei Batista dos Santos.

técnica e campo científico. Os conceitos refletem o entendimento de cada autor, o qual está relacionado ao seu contexto, inclusive ao que cada um compreende como ciência, disciplina e técnica. (SOARES; PINTO; SILVA, 2015, p. 30)

Para entendermos a construção das várias vertentes com relação ao Objeto de estudo na Arquivologia, devemos compreender as diversidades que se estabeleceram em relação ao seu estatuto científico, através dos quais exemplificaremos como a sua História, conforme podemos visualizar no quadro 6.

Quadro 6- História da Arquivologia

FASE	PERÍODO	CARACTERÍSTICA
Arquivologia Clássica	Após a Revolução Francesa até início da década de 1940	Centralização dos arquivos, constituição dos Princípios da Proveniência e da Ordem Original, manual dos Holandeses, ideia de Custódia contínua e de verdade arquivística por Jenkinson, manuais de Casanova e Brenneke, independência do Fazer nos arquivos em relação à biblioteca.
Arquivologia Moderna	Meados da década de 1940 até final da década de 1980	Marcado pelo aumento da produção documental, progresso da tecnologia, institucionalização da Ciência da Informação, proposta americana da gestão de documentos, separação records e archives, novas teorias como Ciclo Vital – três idades, estabelecimento de valores primários e secundários e valorização da Avaliação.
Arquivologia Contemporânea	A partir do final da década de 1980	Avanço da tecnologia, é representativa de novas formas de produção documental, do salto tecnológico e principalmente do documento eletrônico. Ela anuncia a diversidade de abordagens para a área, além de diferentes definições sobre o objeto

		científico. No Brasil, assistimos a ampliação dos cursos de graduação na área, Lei de Arquivos, consolidação de eventos científicos, configuração comunidade científica, REPARQ e a Lei de Acesso à Informação.
--	--	---

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Schmidt (2017).

Essa trajetória demonstra a diversificação que a área vem passando durante o decorrer do tempo, isso implica diretamente na alteração do objeto de trabalho, tornando cada vez mais constante, através do progresso tecnológico, exigindo adaptações e atualizações dos profissionais.

Sendo assim, é certo que há um repertório considerável de enunciados para o que se postula como objeto científico da área, porém, vamos nos deter fundamentalmente naqueles que julgamos mais relevantes, por serem portadores do atual discurso que insere a Arquivologia na contenda “Custodial” x “Pós-custodial” e “Pós-moderna”. Vale ressaltar que as diferentes concepções que se estabeleceram são resultados do próprio processo de desenvolvimento da área, bem como do atual momento: - arquivo enquanto conjunto de documentos de arquivo; - documento de arquivo; - informação arquivística; - informação orgânica registrada; - informação social; - Process-Bound information – informação gerada pelos processos administrativos e organizada com vistas a recuperar o contexto. (SCHMIDT, 2017, p. 177-178).

Agora que já passamos por todo esse contexto histórico, vejamos o objeto de estudo da Arquivística e suas respectivas abordagens, de acordo com o quadro 7.

Quadro 7- Objeto de estudo da Arquivologia e Abordagens

ABORDAGEM	LOCAL	PERÍODO	OBJETO
<i>Records e Archives, Records Management</i>	Estados Unidos da América	A partir de meados da década de 1940	Ainda que não assim classificado, o documento de arquivo
Sistema de séries	Austrália	A partir da década de 1960	Ainda que não assim classificado, o documento de arquivo
Arquivística integrada	Montreal – Québec/Canadá	Década de 1980	Informação orgânica
Estudos sobre tipologia documental e identificação	Espanha	Década de 1980	Arquivo enquanto conjunto de documentos de arquivo; documentos de arquivo

Diplomática arquivística ou contemporânea	Canadá inglês e Itália	Final de década de 1980	Documento de arquivo
Arquivística funcional ou pós-moderna	Canadá inglês	Final de década de 1980	Informação gerada pelos processos administrativos
<i>Records continuum</i>	Austrália	A partir de metade da década de 1990	Informação gerada pelos processos
Pós-custodial	Portugal	Final da década de 1990	Informação social

Fonte: Adaptado de Schmidt (2012, p. 178 e 216- 223 *apud* SOARES; PINTO; SILVA, 2015, p. 33).

Como podemos observar, existe uma polarização no que concerne ao Objeto científico apresentado, uma que identifica o documento de arquivo, outra a informação, porém esses aspectos são detalhados, conforme veremos a seguir:

2.2.1 Arquivo e documento de arquivo como objeto

Essa linha é defendida principalmente pelas autoras: Antonia Heredia Herrera, Mendo Carmona, Martin-Pozuelo Campillos e Luciana Duranti. Com exceção de Duranti, que é italiana e reside no Canadá, todas as outras autoras são de origem espanhola. As referências para essas pesquisadoras são de autores como Jenkinson (1922) e Casanova (1928).

Mendo Carmona (2004, p. 36) *apud* Schmidt (2012, p. 234) menciona o tratamento arquivístico à massa documental como “o tratamento que permite manusear e deixar acessível à informação de massas documentais.” Este método leva em consideração a aplicação de Princípios fundamentais da Arquivologia como, Proveniência e a Teoria do Ciclo Vital dos documentos.

Para Campillos, o Objeto de estudo da Arquivologia está bem definido como sendo o arquivo, dessa forma ela direciona sua preocupação no fazer arquivístico, e como este pode facilitar a vida do usuário, que começa a considerar como cliente, dessa forma, deseja aprimorar para satisfazer a necessidade informacional deste.

Já a arquivista Antonia Heredia Herrera afirma que o Objeto da Arquivologia está baseado numa tríade de dimensão, que em ordem seria: arquivos, documentos de arquivos e informação.

Sendo a Arquivologia, para esta autora, a ciência dos documentos de arquivo e dos arquivos como custodiadores e responsáveis pela gestão destes documentos, além da metodologia aplicada por estes para potencializar o uso e o acesso aos seus documentos e serviços, podemos afirmar que as definições quanto ao objeto, apresentadas por essas três arquivistas espanholas, convergem para a mesma perspectiva, ou seja, que se trata do Arquivo e este entendido como conjunto de documentos de arquivo. (SCHMIDT, 2012, p. 236).

Luciana Duranti defende que o documento de arquivo é sim o Objeto Científico da Arquivologia, a autora é apontada por trazer importantes contribuições para a área e suas ideias estão sempre em discussão, a exemplo da relação da Arquivologia com a Diplomática.

Duranti busca, pelo método diplomático, maneiras que contribuam na salvaguarda das garantias que determinam a configuração do documento de arquivo. Justifica que a Diplomática tem por objeto o documento de arquivo isoladamente, enquanto a Arquivologia ocupa-se do conjunto de documentos de arquivos e, a partir de então, se vale da abordagem que concebe como Diplomática Arquivística/Contemporânea para asseverar as ações e transações que os documentos de arquivo asseguram. (SCHMIDT, 2012 p. 236).

A partir dessas concepções voltadas mais para o campo custodial, a autora é alvo de várias críticas por membros da comunidade científica na área de Arquivologia.

De acordo com Schmidt (2012), ainda que as denominações não sejam as mesmas, podemos considerar que são definições comuns de todas as autoras em questão. Elas levam em conta o caráter instrumental dos arquivos, e dessa forma, acabam por não inserirem a Arquivologia na perspectiva informacional, ou seja, na Ciência da Informação.

2.2.2 Informação como objeto

Abordaremos as diversas nuances da informação enquanto Objeto, apontando os principais pesquisadores da área e a ideia principal. Neste primeiro momento, apresentaremos os principais autores estrangeiros, em seguida, faremos um panorama do cenário brasileiro.

2.2.2.1- *Informação social*

Nesse contexto temos os autores portugueses, Fernanda Ribeiro e Armando Malheiro da Silva como os principais representantes, inserindo a Arquivologia como disciplina da Ciência da Informação. Eles conceituam a informação social como sendo o:

conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos, significantes) socialmente contextualizadas e passíveis de serem registradas num qualquer suporte material (papel, filme, disco magnético, optico, etc. e/ou comunicadas em tempos e espaços diferentes (...) sendo que o que a “coisifica” como fenômeno social é a linguagem, seus signos e significados (RIBEIRO; SILVA, 2003, p. 4).

Sendo assim, os autores trazem a Arquivologia para uma perspectiva Pós-custodial, atribuindo valor à informação e não ao suporte documental.

2.2.2.2 *Informação orgânica*

Proposta por pesquisadores canadenses definem como objeto da Arquivologia a Informação Orgânica. Para Rousseau e Couture (1998), a Informação Orgânica seria aquela produzida e recebida por uma instituição no exercício de suas funções.

Quando falamos de Informação Orgânica dar a entender que estamos nos remetendo a produção documental proveniente do ato administrativo de uma instituição, a própria Schmidt indaga sobre esse entendimento, questionando se este não seria de cunho custodial puramente.

O fato de utilizarem a palavra “orgânica” como elemento classificatório desta informação já é significativo de preocupações em estabelecer vínculos entre a informação e seu contexto de produção, o que também percebemos quando apontam que o registro destas informações configura o arquivo da instituição. Parece certo tratar-se de uma abordagem com foco na informação, mas justamente por afirmarem que a informação orgânica registrada é o que dá origem aos arquivos, subentende-se poderemos considerá-la como documento de arquivo. (SCHMIDT, 2012, p. 241-242).

Ainda nesse contexto, os autores propõem o restabelecimento da gestão documental enquanto Arquivística Integrada. Mediante tal aspecto, Schimidt (2012,

p. 243) indaga que “não identificamos elementos capazes de embasar uma diferenciação entre o que definem como informação orgânica registrada e o que estabelecemos como documento de arquivo”.

Tais afirmações geram contradições e dúvidas sobre a informação orgânica, podendo até mesmo ser caracterizada como puramente documento de arquivo que não está em um suporte físico, o que a teoria traz de inovação é justamente o fato de aplicar as funções arquivísticas já no momento da produção documental, que a nosso ver não estabelece uma característica pós-custodial.

2.2.2.3- *Process-bound information*

Defendido pelo arquivista holandês Theo Thomassen (1999), o *Process-Bound Information*, nasce a partir da quebra de paradigmas estabelecido com o advento da Tecnologia da Informação e Comunicação- TIC, onde houve a necessidade de readequação da Arquivologia em inserir-se na nova realidade informacional, onde a informação passa a ser o principal foco e não mais o suporte, no caso o documento em si.

Assim, de acordo com o autor, este “Novo Paradigma” da Arquivologia é mais do que o resultado da revolução digital e está além da mudança do documento em papel para o eletrônico, é uma mudança a partir do “Clássico” ou “Moderno” para o “Pós-custodial”, ou como Terry Cook sugere, o paradigma Pós-Moderno da Arquivologia. O objeto do Novo Paradigma é o *process-bound* de informações, definindo-o como as informações geradas pelos processos administrativos e organizadas com vistas a recuperar o contexto de produção, estabelecendo assim o “vínculo processual”. (SCHMIDT, 2012, p. 246).

Dessa forma, essas novas tecnologias nos fazem refletir sobre esta nova realidade e a necessidade de adaptação nos arquivos e dos arquivistas, porém sem perder sua essência e seus Princípios, garantindo dessa forma a preservação dos elementos que fundamentam a área.

2.2.3 Objeto científico da Arquivologia no Brasil

Segundo Schmidt (2012) ao fazer o levantamento na literatura brasileira sobre o Objeto Científico, observa-se que muitos dos autores se limitam a referir sobre o

que é ou deve ser considerado como objeto e pouco se dedica a explicá-lo, firmá-lo, justifica-lo.

Assim sendo, dentro da literatura nacional ainda temos muito para avançar, faz-se necessário um debate mais aprofundado acerca do assunto para que a área ganhe maior visibilidade e status definitivo de ciência.

2.2.3.1- Informação como objeto

Os autores brasileiros que referem à informação enquanto objeto de estudo da Arquivologia são: Luiz Carlos Lopes, Eliezer Pires da Silva, Maria Odila Fonseca, Vanderlei Batista dos Santos.

Lopes faz uma junção da Informação Orgânica com a Informação Arquivística e classifica o objeto arquivístico como sendo a *informação registrada com características arquivísticas*.

Silva analisou dissertações e teses no Brasil durante dez anos (1996 a 2006), a pesquisa demonstrou que, “as concepções do que seja informação arquivística são diversas, mas podem ser aproximadas nas seguintes categorias: informação é o conteúdo do documento, informação é representação dos documentos ou metainformação, informação é o documento.” (SILVA, p. 19, 2010).

Fonseca defende que o objeto científico da Arquivologia é a Informação Arquivística, autora do livro Arquivologia e Ciência da Informação, afirma que ambas as áreas passaram por um processo de mudança de paradigmas, mediante ao advento das tecnologias da informação e comunicação e que, nesse contexto, são áreas comuns de integração. A autora baseia-se principalmente na linha canadense, principalmente nas ideias da Arquivística Integrada.

Santos, assim como, Lopes, utiliza os termos Informação Arquivística como Informação Orgânica como sinônimos, ambos seguem a linha de Carol Couture. O autor denomina a informação orgânica registrada como o objeto científico da Arquivologia.

2.2.3.2-Arquivo e documento de arquivo como objeto

Schmidt (2012) revela que praticamente não se encontra na literatura brasileira referência sobre o arquivo como objeto científico. Apenas alguns

dicionários, e autores como Castro, Castro e Gasparim, que afirmam, *Arquivologia é a ciência dos arquivos*.

Nesse contexto, apenas dois autores defendem o documento de arquivo como objeto, Bellotto e Camargo. Destacamos aqui a importância desses autores, pois são extremamente citados e trabalhados em todos os cursos de Arquivologia do Brasil, de enorme contribuição para a área, porém ainda muito voltada à linha tradicionalista da Arquivologia.

[...] não é informação tomada no sentido geral. Aliás, essa expressão é um tanto equivocada, embora tenha caído no uso comum. A melhor expressão ainda é “documento de arquivo”, com todas as suas especificidades. A verdade é que aquela informação, a que está no arquivo, registrada no documento de arquivo, segue sendo o que era desde o momento da sua criação: informação administrativa, jurídica, financeira, econômica, política, técnica, científica, artística, etc. Não é “informação arquivística”! [...] Reiteremos, o documento de arquivo é informação que tem em volta de si características e atributos próprios, tem tempo e circunstâncias, é evada do “vínculo arquivístico”. Ele é a sua ligação indissolúvel com as funções e as atividades próprias da sua entidade produtora/acumuladora, seja ela pública ou privada, e com os outros documentos que compõem o respectivo arquivo.

(BELLOTTO, 2012, p. 7).

Observamos que a autora é contundente ao afirmar que informação no sentido geral é “equivocada”, e que a melhor expressão ainda é o documento de arquivo, deixando claro sua visão custodial. Para Bellotto, a informação quando parte de um documento, e que represente prova, deve ser denominada de documento de arquivo, considerando a palavra informação usada equivocada.

Mediante tais aspectos mencionados, posteriormente confrontaremos com os dados adquiridos nesta pesquisa, para que possamos estabelecer parâmetros, e assim demonstrar a formação da cultura acadêmica no curso de Arquivologia da UEPB. Na seção a seguir nos debruçaremos através dos autores portugueses Fernanda Ribeiro e Armando Malheiro da Silva abordando a Literacia Informacional, tratando-se diretamente de um paradigma pós-custodial.

2.3 LITERACIA INFORMACIONAL

A Literacia Informacional- LI defendida pelos autores portugueses, Fernanda Ribeiro e Armando Malheiro da Silva tem como objeto científico da Arquivologia a

informação, e entendem a arquivística como disciplina aplicada da área de Ciência da Informação.

Os pesquisadores trazem à tona dois conceitos, o comportamento informacional e a inclusão digital, que a junção de ambas formaria o significado prático da LI, onde abordaremos com mais detalhes no decorrer dessa seção.

Antes de abordarmos a LI no contexto arquivístico, definiremos a Literacia segundo Benavente et al. (1996, p. 4) Como sendo:

Define-se então literacia como: as capacidades de processamento de informação escrita na vida quotidiana. Trata-se das capacidades de leitura, escrita e cálculo, com base em diversos materiais escritos (textos, documentos, gráficos) de uso corrente na vida quotidiana (social, profissional e pessoal).

Nesse sentido, ainda conforme os pesquisadores acima mencionados, para que possamos falar de literacia, são necessárias algumas ações, no sentido de que estas ações da literacia se traduz pelo uso que cada pessoa faz dela e não da obtenção destas. Para exemplificar, os pesquisadores elencaram quatro pontos, conforme podemos observar na tabela a seguir:

Quadro 8- Pontos de ação sobre literacia

PONTO 1	PONTO 2	PONTO 3	PONTO 4
O perfil de literacia de uma população não é algo que possa ser considerado constante, ou seja, que possa ser extrapolado a partir de uma medida temporalmente localizada.	O perfil de literacia de uma população não é algo que possa ser deduzido a partir, simplesmente, dos níveis de escolaridade formal atingidos.	A literacia não pode ser encarada como algo que se obtém num determinado momento e que é válido para todo o sempre.	Os níveis de literacia têm de ser vistos no quadro dos níveis de exigência das sociedades num determinado momento e, nessa medida, avaliadas as capacidades de uso para o desempenho de funções sociais diversificadas.

Fonte: Adaptado de Benavente et al. (1996, p. 4-5).

Apesar dos níveis de escolaridade não serem algo preponderante para o aumento da literacia de uma pessoa, de certo isso influenciará de alguma forma no

seu contexto de aprendizagem, pois a própria cultura acadêmica impõe dos graduandos a leitura e a escrita formal de gêneros acadêmicos, conforme vimos na seção que abordamos sobre a teoria bakhtiniana.

Corroborando com a definição de literacia, Silva (2010) aborda sobre o conceito de comportamento informacional, que é um termo da Psicologia, sobre o modo ser ou de reagir de uma pessoa, seja ela, criança, jovem ou adulto, tanto na vida corrente quanto em situações particulares, dentro de um espaço complexo, imensamente globalizado e saturado de fontes e meios de informação/conhecimento.

Sobre o termo Literacia Informacional, Silva (2008) justifica-se a preferência pelo termo composto ao invés de simplesmente literacia, por este primeiro representar melhor as competências de teor tecnológico o qual se faz necessário adquirir para escrever e ler através de um computador. Sobre a inclusão digital afirma:

A inclusão digital implica, pois, dois grupos de competências básicas: as tradicionais de domínio do ler, escrever e contar e as novas derivadas do impacto directo, na conduta humana, das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), ligadas a um processo histórico global (com conjunturas detectáveis a partir do eixo geocivilizacional Europa Ocidental, América do Norte, Oceânia [...]). (SILVA, 2008, p. 21).

No contexto da CI, a qual a Arquivologia está inserida, conforme a perspectiva dos autores em questão, não basta os profissionais da informação apenas ter a capacidade de processar a informação física contida no documento, o arquivista deve está inserido como um gestor da informação, na Sociedade da Informação, devendo este ser o ator principal da quebra de paradigmas que a arquivística traz, quando torna-se protagonista no advento das Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC, adaptando-se a nova Era Informacional, deixando de ser um mero guardião dos documentos em um arquivo.

A Arquivística ganhou um espaço próprio como área de desempenho profissional, mas o paradigma histórico-tecnicista, que enformou a disciplina nos dois últimos séculos e que potenciou a sua autonomização técnica, acabou por constituir um factor de constrangimento, que não possibilitou o salto qualitativo necessário ao desenvolvimento disciplinar quando a “ameaça” tecnológica aos tradicionais documentos em suportes estáticos e a emergência da

Sociedade da Informação começaram a colocar novos desafios. Num contexto informacional e tecnológico o paradigma tradicional entrou em crise, mas também desencadeou, no seu próprio seio, os factores de mudança necessários à superação da própria crise. (RIBEIRO, 2005, p. 52-53).

Ribeiro (2005) chama a atenção para a necessidade do profissional da informação do século XXI, ter uma formação sob uma nova perspectiva, embasada nos suportes teórico-metodológico da CI. Mediante este cenário, a pesquisadora estabelece um modelo formativo que considera importante para a renovação do perfil do profissional, vejamos no quadro a seguir:

Quadro 9- Modelo necessário para renovação profissional

COMPETÊNCIA 1	COMPETÊNCIA 2	COMPETÊNCIA 3
Combinar um conjunto de disciplinas nucleares da área da Ciência da Informação, de carácter obrigatório, com disciplinas de áreas interdisciplinares (Ciências Sociais e Humanas, Informática e Computação, Administração e Gestão), que constituem uma complementaridade indispensável;	Anular as separações artificiais entre pretensas especializações de “Arquivo” e “Biblioteca/Documentação”, por não haver justificação, do ponto de vista epistemológico, para tal distinção.	Fazer a síntese com a área dos Sistemas (Tecnológicos) de Informação, uma vez que, hoje, a tecnologia é absolutamente indissociável da Informação (na génese, uso e preservação).

Fonte: Adaptado de Ribeiro (2005, p.57).

As três competências apontam para o futuro, preocupando-se com a interdisciplinaridade, com as distinções sem justificativa e ainda com a tecnologia, que sofre mutações, modernizações, adaptações, evoluções periodicamente. Ainda nessa perspectiva, no tocante ao arquivista, que a autora prefere utilizar o termo *Profissional da Informação*, como podemos observar:

Preparado no quadro deste modelo formativo, o arquivista da era pós-custodial, seja ainda designado desta forma ou venha a ter um título mais pós-moderno, será fundamentalmente um *Profissional da Informação*, com uma formação de base, suficientemente sólida e abrangente, que lhe permitirá exercer funções em qualquer contexto orgânico produtor/manipulador de fluxo informacional. Mas, estará devidamente preparado para actuar, também, em contextos de

alguma especificidade, seja no âmbito de sistemas de informação organizacionais ou em serviços de arquivo especializados, porque o seu referencial teórico reporta sempre ao campo do saber que lhe dá identidade – a Ciência da Informação. (RIBEIRO, 2005, p. 57).

Quando falamos em formação de profissionais arquivistas, Jardim (2001) também já preocupava-se nesse sentido, pois as diversas questões relacionadas à função social e às características do conhecimento arquivístico, compõem o campo para a construção e desenvolvimento de programas de formação na área, envolvendo a concepção da Arquivística e do perfil do arquivista.

A estrutura curricular deveria, por princípio, refletir as demandas sociais colocadas atualmente à gestão da informação arquivística. Um dos desafios consiste em elaborar um currículo que contemple as características interdisciplinares da Arquivística contemporânea. Quando esta difícil tarefa não resulta satisfatória, os currículos tendem a formar uma espécie de colcha de retalhos de diversas áreas do conhecimento sem um núcleo epistemológico consistente. Acaba-se assim por inserir o educando num percurso fragmentado, levando-o com frequência a questionar a necessária diversidade de disciplinas afins àquelas propriamente arquivísticas. Como resultado, o caráter interdisciplinar da Arquivística dificilmente é vivenciado e apreciado pelo aluno ao longo da sua formação. A interdisciplinaridade é um empreendimento complexo, sobretudo quando deve ser expressa um projeto pedagógico voltado à formação inicial do arquivista. Pressupõe de um lado, um corpo docente pesquisando em íntimo convívio com a perspectiva interdisciplinar e, por outro, uma qualidade pedagógica que impeça um processo de ensino fragmentado para o aluno. Sem estes cuidados, corre-se o risco de imperar o tecnicismo sobre a dimensão interdisciplinar, a tecnicidade e a cultura científica na formação profissional. (JARDIM, 2001, p. 6)

Ambos os autores atentam para importância de uma formação voltada para os princípios da arquivística, a questão interdisciplinar propriamente dita sem um ensino fragmentado com áreas diversas, com um núcleo epistemológico consistente.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

“Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos. Por vários motivos. Primeiro porque a realidade não é transparente e é sempre mais rica e mais complexa do que nosso limitado olhar e nosso limitado saber. Segundo, porque a eficácia da prática científica se estabelece, não por perguntar sobre tudo, e, sim, quando recorta determinado aspecto significativo da realidade, o observa, e, a partir dele, busca suas interconexões sistemáticas com o contexto e com a realidade”. (MINAYO, 2009, p.17).

A pesquisa científica nos dá subsídios para irmos em busca de respostas, através dela podemos comprovar questões por métodos padronizados, estabelecendo critérios, usando nosso conhecimento adquirido, até chegarmos onde pretendemos. Neste capítulo, delineamos a trilha metodológica da pesquisa.

3.1 METODOLOGIA QUADRIPOlar DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

Para fazermos a análise de resultados, utilizamos o esquema de metodologia quadripolar de investigação aplicada, com adaptações para esta pesquisa. O método propõe uma análise de forma interativa por quatro polos. De acordo com Gomes (2017), no Método Quadripolar, a investigação deve passar por diversas transformações de forma interativa e aberta como: corrigir, reiniciar, superar.

Os quatro polos consistem em: problematização científica (epistemológico), o dos princípios (teórico), o da abordagem operacional (técnico), e o da forma (morfológico). No polo epistemológico teremos, paradigma científico pos-custodial, informacional e dialógico. O polo teórico, trata-se da cultura e do gênero, contextualizados através da Teoria bakhitiniana e literacia (RIBEIRO & SILVA). Polo técnico: revisão de literatura, estudo quanti-qualitativo, procedimento de descrição e análise de dados. Já no polo morfológico: ordenação e qualificação dos dados, resultados e discussão da pesquisa. Conforme podemos visualizar na figura 1:

Figura 1 – Esquema da Metodologia Quadripolar de investigação aplicada



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA, CAMPO EMPÍRICO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Trata-se de um estudo de caso de natureza básica, do tipo quali-quantitativa. Quanto aos objetivos, caracteriza-se como descritivo e explicativo.

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas. (MINAYO, 2009, p. 14)

Os dados foram coletados a partir do repositório institucional do site da UEPB, denominado DSpace, que tem como propósito reunir, armazenar, organizar,

recuperar, preservar e disseminar a produção científica e intelectual da comunidade universitária pertencente à Universidade Estadual da Paraíba.

Através do DSpace, tivemos acesso ao nosso universo e amostra, o universo é composto por um montante de 11.144 Trabalhos de Conclusão de Curso- TCCs do qual fizemos um recorte temporal, a partir do ano de 2014 até o ano de 2017, do curso de Arquivologia, com uma mostra de 230, vejamos seu quantitativo de acordo com cada ano:

Quadro 10 – Universo e amostra

ANO	2014	2015	2016	2017	TOTAL
TCC UEPB	5.066	1.970	2.662	1.446	11.144
TCC ARQUIVOLOGIA (abril de 2018)	135	25	89	43	292
TCC ARQUIVOLOGIA (agosto de 2018)	130	25	89	44	288
TCC ARQUIVOLOGIA (Após análise individual)	73	24	89	44	230

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

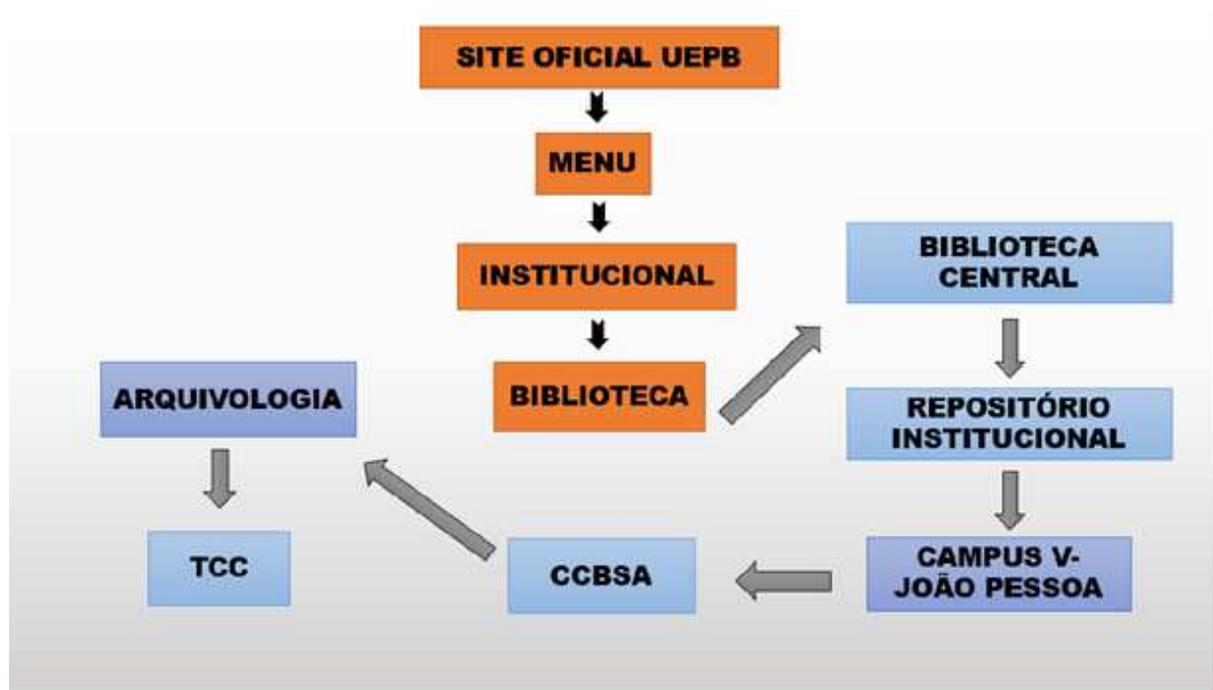
Nossa amostra são os TCCs produzidos pelo curso de Arquivologia localizado no Campus V na cidade de João Pessoa-PB da UEPB, obedecendo ao mesmo recorte temporal supracitado, totalizando 292 trabalhos. Após análise individual, observou-se que alguns trabalhos estavam alocados no ano errado, desta forma, ao retiramos todos, nossa amostra final constitui-se em 230 TCCs.

De acordo com o site da UEPB (2018), o Campus V foi criado em 2006, tendo sua aula inaugural no dia 28 de agosto. O Campus V- Ministro Alcides Carneiro trouxe para a Capital cursos pioneiros e formações com o intuito de atender a uma demanda local: Bacharelados em Arquivologia, Relações Internacionais e Ciências Biológicas. No início, o Campus V teve suas instalações na ESPEP- Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, localizado no bairro de Mangabeira desta capital, em 2009, todos os cursos foram realocados para a Avenida Monsenhor Walfredo Leal, 487, no bairro de Tambiá. Finalmente em 2011, o Campus V foi transferido para o local o qual encontra-se até hoje, a Escola José Lins do Rego,

situado no bairro do Cristo Redentor com o intuito de oferecer uma melhor estrutura, tendo em vista que o antigo prédio não comportava mais a demanda de alunos cada vez maior.

Vejamos o passo-a-passo para termos acesso à nossa amostra:

Figura 2: Esquemática para acesso às amostras



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

As opções de busca são: por ano de publicação, assunto (retirado através das palavras-chave) e autor.

O DSpace tem disponível TCCs a partir do ano de 2011, porém em números irrisórios, conforme podemos conferir:

Quadro 11- Quantitativo de trabalhos de 2011 a 2013.

ANO	2011	2012	2013	TOTAL
QUANTIDADE	01	03	07	11

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Em visita *in loco* a biblioteca do Campus V, o bibliotecário explicou-nos sobre a ausência do Termo de licença DSpace que seria imprescindível para publicação nesta plataforma, como justificativa para o pequeno número de publicações nestes

anos, outra justificativa para essa pequena quantidade são os trabalhos que estão fora do padrão de formatação e a ausência da folha de aprovação. A partir do ano de 2014, essas questões foram ajustadas, como podemos perceber através do aumento da quantidade de trabalhos contidos no repositório.

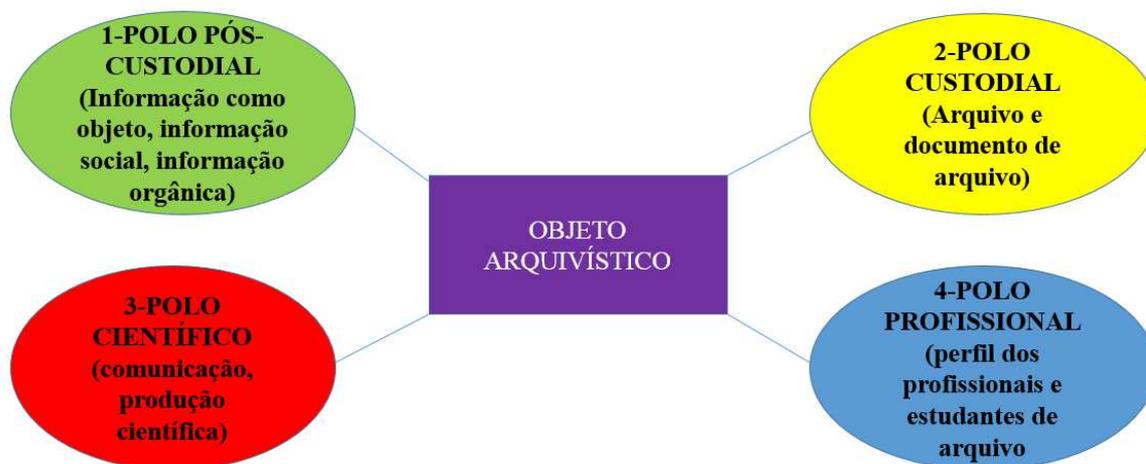
O repositório também faz a diferenciação dos gêneros acadêmicos em três modalidades de acordo com cada TCC: Monografia, Artigo e Relatório de Estágio, porém essa prática é realizada através do entendimento do bibliotecário responsável, é possível que esta informação seja suprimida por falta de clareza da própria pesquisa ou percepção inadequada do profissional da biblioteca, e só foi aplicada a partir do ano de 2014 estando na área de descrição do TCC.

Os procedimentos de análise são:

1. Traçar um perfil de áreas escolhidas nos anos de 2014, 2015, 2016, 2017;
2. Mostrar os objetos científicos da Arquivologia que são mais referenciados a partir das categorias a seguir (Figura 3);
3. Apontar as tendências científicas no curso de Arquivologia.

As categorias definidas para classificação dos objetos científicos coletados nos TCCs são:

Figura 3 – Abordagens para objeto de estudo da Arquivologia adaptada para pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2018).

Utilizamos quatro abordagens para nossa investigação, que chamamos de polos: polo arquivístico pós-custodial (informação como objeto, incluindo: informação social, informação orgânica, documentos eletrônicos), polo arquivístico custodial (arquivo e documento de arquivo como objeto), polo arquivístico de esfera profissional (perfil dos profissionais e estudantes da área), polo arquivístico científico (comunicação científica), contabilizaremos cada TCC enquadrando-os em um dos quatro polos propostos e dessa forma teremos um panorama de nossas produções científicas.

Dessa forma, teremos uma definição da construção da cultura acadêmica no curso de Arquivologia da UEPB, obtivemos esses dados a partir da leitura das palavras-chave, título e resumo de nossa amostra de TCCs.

4 DESVELANDO A FORMAÇÃO CULTURAL DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA: DOS TCCs AOS OBJETOS CIENTÍFICOS

“A Universidade é um organismo acadêmico, político e social feito de muitas criatividade e tensões, de muitas áreas de conhecimento que nem sempre se regem pelos mesmos critérios e realizam seus fins com as mesmas estratégias. A meta central nesta nova fase é aprofundar a vida universitária pautada na autonomia existente, conduzindo a um aperfeiçoamento das ações e estimulando ainda mais a criatividade dos cursos e das áreas da UEPB.”. (UEPB, 2016, p.18).

Este capítulo é dedicado à apresentação do Polo morfológico (resultado e análise dos dados). Dividimo-o em duas partes: “O perfil de áreas escolhidas nos TCCs de 2014 a 2017” e “Quatro polos para olhar o objeto de pesquisa em Arquivologia: tendências culturais sendo formadas”.

4.1 O PERFIL DE ÁREAS ESCOLHIDAS NOS TCCS DE 2014 A 2017

Durante a pesquisa, observamos que alguns trabalhos estavam equivocadamente no ano errado em que constava no Dspace, por isso tivemos o cuidado de abrir trabalho por trabalho observando alguns detalhes, dentre eles, as palavras-chave que, muitas vezes, distinguiam-se da descrição. Um exemplo foi um trabalho de 2012, tendo como título: *A importância do marketing pessoal para os estudantes do curso de Arquivologia da UEPB*, e palavras-chave representadas: *Preservação de documentos, Acervo fotográfico, Quilombolas da Paraíba*. Notamos que os descritores em nada representam a temática, os assuntos não eram os mesmos da ficha catalográfica, os anos não coincidiam, e somente após, lendo o resumo diretamente no trabalho, percebemos que as palavras-chave tanto no Dspace, como na ficha catalográfica foram indexadas de forma equivocada. Não obtivemos respostas sobre o porquê dessa falha; porém, isso gera dificuldade em recuperar a informação, além de apontar a necessidade de rever o repositório e a responsabilidade de que precisa ter o bibliotecário e o orientador após defesa em revisar o trabalho que será depositado. Como profissionais da informação não podemos deixar de apontar tal lapso, conforme podemos observar nas figuras abaixo:

Figura 4: Representação do TCC no Dspace constando ano de 2014³

Use este identificador para citar ou linkar para este item: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/2988>

Título: A importância do marketing pessoal para os estudantes do curso de arquivologia da UEPB

Autor(es):

Palavras-chave: Preservação de documentos
Acervo fotográfico
Quilombolas da Paraíba

Data do documento: 25-Fev-2014

Resumo: O profissional arquivista vem conquistando um crescente espaço no mercado de trabalho, todavia o reconhecimento da profissão não teve a mesma proporção. Com o intuito de aprofundar um pouco mais os estudos em relação a esta falta de reconhecimento, este trabalho tem como objetivo analisar a visão dos estudantes de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba em relação ao marketing pessoal. A pesquisa foi de caráter quali-quantitativa, inicialmente foi realizado um estudo exploratório e, em seguida, foi utilizada a pesquisa descritiva. Como instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário a 85 alunos do curso de Arquivologia, sendo 50 iniciantes e 35 concluintes, em que utilizou um roteiro de 10 questões pré-estabelecidas do tipo Escala de Likert que avaliou a opinião dos entrevistados. Os resultados foram analisados através dos dez gráficos que representam respectivamente as dez questões propostas, onde apontaram o pouco grau de entendimento que os estudantes possuem em relação ao marketing pessoal e o quanto seria relevante uma revisão nos componentes curriculares do curso de Arquivologia para que esses mesmos estudantes possam evoluir de forma satisfatória, a fim de entrarem no gigantesco mercado de trabalho com segurança em sua capacidade.

Fonte: Repositório Institucional da UEPB (Dspace, 2018).

Figura 5: Ficha Catalográfica

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS V – UEPB

A659i

A importância do marketing pessoal para os estudantes do curso de Arquivologia da UEPB. / -2012.
59f. : il. color

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Arquivologia, 2012.
"Orientação: Prof. Curso de Arquivologia".

1. Preservação de documentos. 2. Acervo fotográfico. 3. Quilombolas da Paraíba. I. Título.

21. ed. CDD 020

Fonte: Repositório Institucional da UEPB (Dspace, 2018).

³ Omitimos o nome do autor e do orientador nas figuras 4 e 5 por questões de ética.

Figura 6: Resumo com palavras-chave conforme o trabalho

RESUMO

O profissional arquivista vem conquistando um crescente espaço no mercado de trabalho, todavia o reconhecimento da profissão não teve a mesma proporção. Com o intuito de aprofundar um pouco mais os estudos em relação a esta falta de reconhecimento, este trabalho tem como objetivo analisar a visão dos estudantes de Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba em relação ao marketing pessoal. A pesquisa foi de caráter quali-quantitativa, inicialmente foi realizado um estudo exploratório e, em seguida, foi utilizada a pesquisa descritiva. Como instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário a 85 alunos do curso de Arquivologia, sendo 50 iniciantes e 35 concluintes, em que utilizou um roteiro de 10 questões pré-estabelecidas do tipo Escala de Likert que avaliou a opinião dos entrevistados. Os resultados foram analisados através dos dez gráficos que representam respectivamente as dez questões propostas, onde apontaram o pouco grau de entendimento que os estudantes possuem em relação ao marketing pessoal e o quanto seria relevante uma revisão nos componentes curriculares do curso de Arquivologia para que esses mesmos estudantes possam evoluir de forma satisfatória, a fim de entrarem no gigantesco mercado de trabalho com segurança em sua capacidade.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivistas. Marketing. Marketing Pessoal.

Fonte: Repositório Dspace UEPB (2018).

Como já mencionamos, as figuras revelam que os anos não correspondem, os descritores não condizem com o trabalho. Durante nossa pesquisa, percebemos que além desse TCC, as fichas catalográficas de alguns trabalhos continham menos palavras-chave que no seu resumo, ou vice-versa, ou ainda, pesquisas com descritores diferentes, sejam por palavras que não continham no resumo do trabalho, por uma estar no plural e a outra no singular, ou ainda, pelas ordens estarem alteradas.

Percebemos que é preciso observar se os alunos também sabem usar o Sistema de gerenciamento de Bibliotecas da UEPB – SAGBI para solicitar a ficha catalográfica e a emissão de declaração de Nada Consta; parece-nos que há dúvidas no preenchimento do formulário, como também pela ABNT, pode-se colocar até cinco palavras-chave e o sistema só permite três, ocasionando trabalhos com o número maior de palavras-chave do que tem na ficha catalográfica.

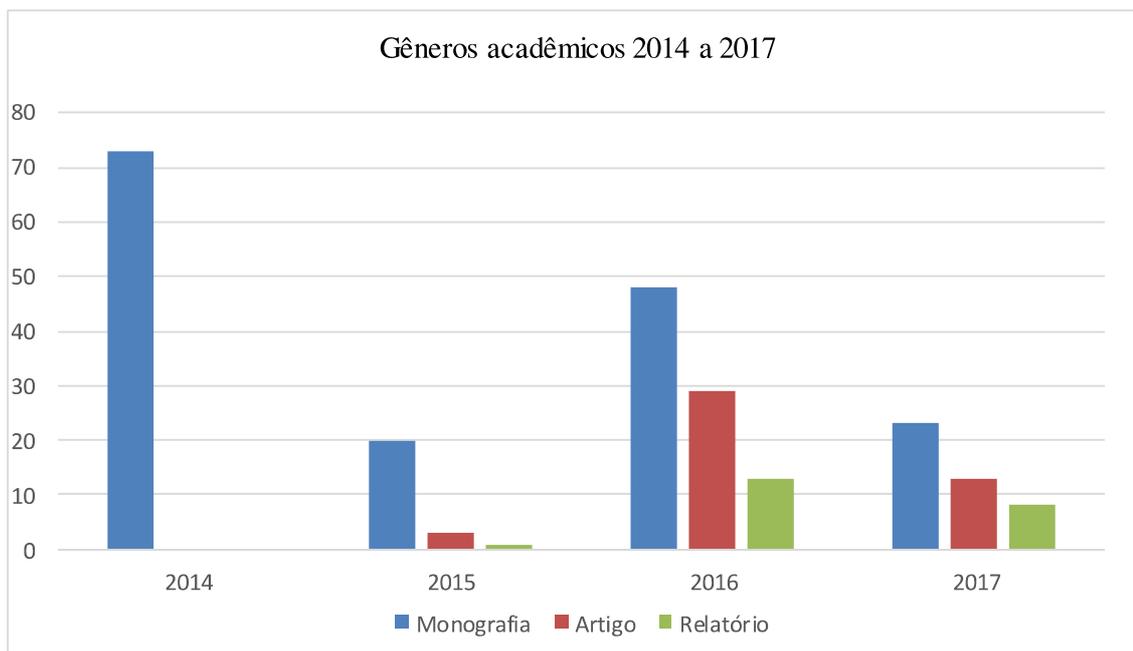
Outra divergência encontrada no repositório, foi o número de trabalhos por ano, a quantidade de exposta em cada ano, não condizia com o quantitativo real. Primeiramente, tínhamos uma amostra de 292 pesquisas; posteriormente, vimos que o DSpace passou a apresentar um quantitativo de 288 trabalhos. Porém ao analisarmos um por um, constatamos que o número exato seria de 230 trabalhos, pois alguns destes estavam no ano de 2014 quando na verdade eram de 2011, 2012 e 2013, não se sabe ao certo o porquê dessas divergências dos anos.

Quadro 12- Quantidade de gêneros por ano

ANO	MONOGRAFIAS	ARTIGOS	RELATÓRIO	TOTAL
2014	73	0	0	73
2015	20	03	01	24
2016	47	29	13	89
2017	23	13	08	44
TOTAL	163	45	22	230

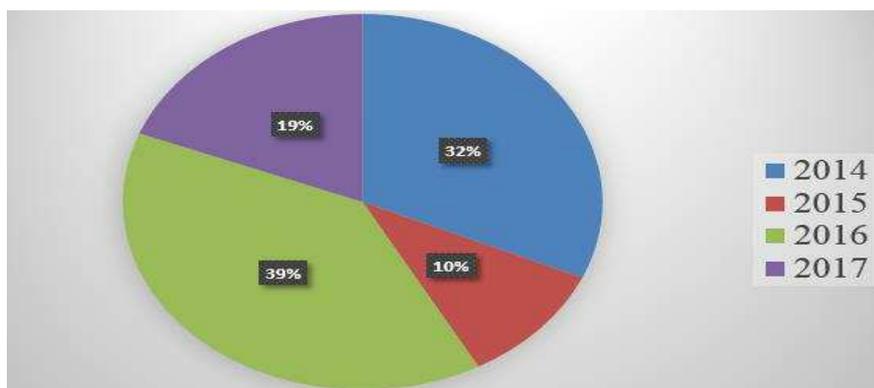
Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Em 2014, tivemos 73 TCCs, todos como gênero Monografia. A partir da análise dos TCCs do ano de 2015, observamos que o gênero mais encontrado foi a monografia, seguido de artigo e com apenas um relatório escrito nesse ano. Em 2016 e 2017, os dados comprovam que mantivemos essa mesma lógica, o gênero mais utilizado pelos discentes continua sendo a monografia, havendo um maior número de TCCs em 2016, conforme se vê no gráfico 1:

Gráfico 1- Gêneros acadêmicos utilizados nos TCCs de 2014 a 2017

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O ano que mais se produziu no curso de Arquivologia foi em 2016, já no ano de 2014 chama atenção a ausência de outros gêneros, fechando em 100% o número de monografias. Observamos um aumento considerável de artigos em 2016 e a baixa produção de 2015 representando 10,43% da produção deste quadriênio, observamos que os anos pares tem um número maior de produção que nos anos ímpares, isso se deve a entrada de semestre sim e semestre não, ou seja, em determinados semestres temos o primeiro período de arquivologia, no semestre seguinte não temos. Dessa forma, há um atraso dos alunos com disciplinas pendentes a se formarem, muitos deles tem que esperar a formação de uma nova turma para poder quitar as matérias em débito, por isso acreditamos que os anos pares tem um maior número de TCC que os anos ímpares, conforme podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 2- Produções de TCCs por ano

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

No que concerne aos assuntos abordados, no ano de 2014, foram utilizados cinquenta e oito assuntos, alguns se repetiram, conforme visualizaremos no quadro abaixo:

Quadro 13- Assuntos TCCs ano 2014

ASSUNTO/ ANO 2014	QUANTIDADE
1- Gestão documental	09
2- Acesso à informação	03
3- Arquivo pessoal	02
4- Diagnóstico de arquivo escolar	02
5- Estágio em Arquivologia	02
6- Acervo fotográfico	02
7- Lei de acesso à informação	02
8- Protocolo e documentação	02

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Como podemos observar, gestão documental foi o assunto mais abordado pelos discentes em 2014. Ainda no início do curso a lei 8.159/1991 que “Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências” já traz o conceito de gestão documental em seu artigo 3º, “conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à sua produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento em fase corrente ou intermediária, visando sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente”. (Artigo 3º Lei nº 8.159/91).

Nessa lógica, a gestão documental aparece como sendo a mola mestra da Arquivologia, e a priori como uma gestão puramente física. Somente após alguns períodos, os alunos passam a perceber que a gestão documental e a Arquivologia não fazem parte unicamente do meio físico, mas também é integrante do meio digital.

Quando falamos em gestão documental, enquanto assunto, estamos apontando no sentido físico, custodial, expressando a preferência dos discentes em abordar esta área do conhecimento, seja esta por afinidade, por se sentir mais à vontade por conhecer o assunto desde o início do curso, ou ainda por querer aprofundar-se mais, além disso, parece-nos que alguns graduandos não querem sair da “zona de conforto”, dessa forma, deixam de abordarem assuntos que aparentemente parecem não “dominar” ou precisam fazer mais leituras e pesquisas.

Também analisamos cada palavra-chave desse ano, encontramos um montante de cento e sessenta e seis palavras-chave no total, notamos que algumas se destoavam totalmente do contexto e outras apareciam com certa frequência, conforme podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 14- Palavras-chave que se repetiram em 2014

PALAVRAS-CHAVE	NÚMERO DE REPETIÇÕES
1- Gestão documental	17
2- Arquivologia	12
3- Arquivo	11
4- Arquivista	08
5- Conservação	05
6- Estudos de usuários	05
7- Necessidades informacionais/ Necessidade de informação	05
8- Usuário(s)	05
9- Acesso à informação	04
10- Preservação	04
11- Recuperação da informação	04
12- Diagnóstico de arquivo	03
13- Formação profissional	03
14- Serviços arquivísticos	03
15- Administração pública	02
16- Arquivo(s) Escolar(s)	02
17- Arquivo(s) Fotográfico(s)	02
18- Arquivo jurídico	02
19- Arquivo permanente	02
20- Arquivo pessoal	02

21- Competências	02
22- Descrição Arquivística	02
23- Diagnóstico	02
24- Difusão cultural	02
25- Documento (s) eletrônico(s)	02
26- Ética profissional	02
27- Expografia	02
28- Fotografia	02
29- Gestão de documentos	02
30- Gestão de informação	02
31- Informação	02
32- Lei de acesso à informação	02
33- Memória	02
34- Políticas públicas	02
35- Políticas públicas de arquivo/arquivística	02
36- Prevenção	02
37- Sense-making	02
38- Tabela de temporalidade	02
39- TJPB	02

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O quadro apresenta as palavras que se repetiram e a quantidade de repetições que cada palavra teve; quanto às palavras que se discrepavam temos: cinema, ergonomia, geração y, geração z, habilidades, judô paraibano, polybalas, risco químico, SAMU, dentre outras. As palavras-chave servem de referência para a pesquisa, são elas que resumem o tema proposto. Notamos que os trabalhos apresentam descritores que frequentemente fogem da padronização, muitas vezes, nem condizendo com o tema proposto. Na área da saúde, por exemplo, existe o *DeCS*- Descritores em Ciência da Saúde que nada mais é de que um vocabulário estruturado que tem como objetivo de servir como uma linguagem única e padronizada na indexação de artigos e revistas científicas, anais, relatórios técnicos, dentre outros materiais, assim como, para ser usado na pesquisa e recuperação de assuntos da literatura científica, o *DeCS* possui mais de 33 mil palavras, sendo assim, além de estabelecer um padrão de descritores, essa estratégia visa facilitar o trabalho de pesquisa aos temas mais importantes. Destarte, os profissionais e pesquisadores na área de saúde contam com essa ferramenta de padronização de palavras-chave, que favorece a metodização dos estudos.

Nesse contexto, sentimos a dificuldade em estabelecer um padrão das palavras-chave nos TCCs, contribuindo para essa desarmonia, visto que nem a

Arquivologia, nem a Ciência da Informação possuem um vocabulário semelhante ao DeCS.

Em 2015, dos vinte e quatro trabalhos nenhum assunto se repetiu, conforme quadro:

Quadro 15- Assuntos dos TCCs ano de 2015

ASSUNTO/ ANO 2015	QUANTIDADE
1- Acessibilidade informacional	01
2- Atribuições do arquivista e do técnico em arquivo	01
3- Conduta do arquivista	01
4- Cordéis	01
5- Descrição fotográfica	01
6- Diagnóstico de arquivo	01
7- Diplomática e documentoscopia	01
8- Gerenciamento de software	01
9- Gerenciamento eletrônico de documentos	01
10- Gestão documental	01
11- Memória cultural	01
12- Patrimônio documental	01
13- Políticas arquivísticas	01
14- Políticas para cultura popular	01
15- Programa 5 s	01
16- Relatório de estágio	01
17- Responsabilidade socioambiental	01
18- Segurança da informação	01
19- Segurança dos acervos arquivísticos	01
20- Sistema de protocolo	01
21- Socialização informacional	01
22- Tecnologia da informação	01
23- Tesouro	01
24- Tipologia documental	01

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O ano de 2015 chama atenção pela pouca quantidade de TCCs produzidos, e também pelo fato de que nenhum assunto se repetiu, apesar disso, já demonstra,

através dos assuntos abordados, certo avanço na perspectiva pós-custodial, a exemplo de: acessibilidade informacional, gerenciamento de software, gerenciamento eletrônico de documentos, socialização informacional, tecnologia da informação. Manifestando interesse dos discentes em transpor para áreas mais tecnológicas, mesmo sendo um número pequeno de trabalhos, comparado ao ano anterior, percebe-se um progresso.

Nesse ano, encontramos setenta e seis palavras-chave, vejamos no quadro abaixo as que se repetiram:

Quadro 16- Palavras-chave que se repetiram em 2015

PALAVRAS-CHAVE	NÚMERO DE REPETIÇÕES
1- Memória	05
2- Arquivo	04
3- Arquivologia	04
4- Arquivista	02
5- Arquivos Escolares	02
6- Políticas Públicas	02
7- Preservação	02
8- Tecnologia da Informação	02
9- Tipo Documental/ Tipologias Documentais	02

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Da mesma forma que no ano anterior, encontramos descritores incongruentes, que não representa o sentido da pesquisa, como por exemplo: conduta, consciência, deficiência visual, instituição de longa permanência para idosos, SEMOB de Cabedelo, Vó Mera, dentre outros. E palavras muito genéricas como “memória” ou “preservação” que podem remeter a qualquer área dentro das ciências sociais ou humanas.

Em 2016, tivemos quarenta e sete assuntos diferentes, dos quais doze se repetem, conforme quadro abaixo:

Quadro 17- Assuntos TCCs ano 2016

ASSUNTO/ ANO 2016	QUANTIDADE
1- Gestão documental	14
2- Relatório de estágio	09
3- Preservação e conservação	05
4- Diagnóstico	04
5- Empreendedorismo	04
6- Ética profissional	03
7- Arquitetura e acesso a informação	03
8- Memória	03
9- Comunicação científica	03
10- Preservação digital	03
11- Necessidades informacionais de usuários	02
12- Acessibilidade	02

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Em 2016, o assunto mais abordado continua sendo sobre gestão documental, aparecendo quatorze vezes. Conforme mencionado anteriormente, tivemos o maior número de produções em ano pares, com o maior percentual de trabalhos, 39%, mesmo assim, os alunos mantiveram o enfoque dos TCCs sob uma perspectiva tradicionalista.

Neste ano foi aprovado o novo Projeto Pedagógico de Curso- PPC de Arquivologia da UEPB, com o objetivo de atender as demandas de transformações tecnológicas e adequar o profissional de arquivo a sociedade vigente, embora só entre em vigor em 2017.

As diversas transformações nos modos de produção, uso e conservação da informação têm redefinido as funções sociais, científicas e econômicas do arquivista. Essa constatação ocorre em uma dimensão nacional e internacional, cujo pano de fundo tem como patamar de atuação corrigir as desigualdades no gerenciamento da informação Arquivística para permitir o desenvolvimento científico e tecnológico das Ciências Arquivísticas, que se consolidam cada vez mais como suporte na criação e políticas e práticas que de forma objetiva, permitam construir com amplitude o universo dos direitos à informação e a memória nacional. (UEPB, 2016, p. 27).

Notamos nesse contexto, o real interesse e a preocupação com o desenvolvimento científico e tecnológico das Ciências Arquivísticas, e mediante aos dados apontados neste trabalho, essa necessidade de adequação é necessária e pertinente. É nítida a urgência de reestruturação que o curso de bacharelado em Arquivologia precisa passar, pois o interesse de evolução parte não só pelas questões de avanço tecnológico, mas também das mudanças da sociedade em seus diferentes níveis de necessidade do mercado de trabalho, além de possibilitar ao cidadão o exercício ao direito fundamental de acesso à informação.

Obtivemos nesse ano o maior número de palavras-chave duzentos e vinte e seis no total, dentre as quais, quarenta e três se repetiam conforme podemos visualizar no quadro 18:

Quadro 18- Palavras-chave que se repetiram em 2016

PALAVRAS-CHAVE	NÚMERO DE REPETIÇÕES
1- Gestão Documental/ Gestão de documentos	16
2- Arquivologia	11
3- Arquivista	07
4- Documentos Digitais	05
5- Arquivo(s)	04
6- Diagnóstico Arquivístico	04
7- Acessibilidade	03
8- Acesso à Informação	03
9- Arquitetura da Informação	03
10- Arquivo Judicial	03
11- Arquivo Jurídico	03
12- Arquivo Público	03
13- Empreendedorismo	03
14- Preservação Digital	03
15- Preservação Documental	03
16- Relatório de Estágio	03
17- Relatório de Estágio não obrigatório em Arquivologia	03

18- Arquivo Jornalístico	02
19- Arquivo Privado	02
20- Arquivos Escolares	02
21- Ciência da Informação	02
22- Classificação Arquivística	02
23- Comunicação Científica	02
24- Conservação de Documentos	02
25- Conservação Preventiva	02
26- Descrição Fotográfica	02
27- Documento (s) fotográfico (s)	02
28- Escritório de Advocacia	02
29- Estágio não obrigatório em Arquivologia	02
30- Ética Profissional	02
31- Gestão Eletrônica de Documentos	02
32- Jornal a União	02
33- Memória Institucional	02
34- Necessidades Informacionais	02
35- Ordenação de Documentos	02
36- Organização Arquivística	02
37- Protocolo	02
38- Representação da Informação	02
39- Serviços Arquivísticos	02
40- Sustentabilidade	02
41- Tecnologias da Informação e Comunicação	02
42- Tribunal Regional do Trabalho	02
43- Usuários de Arquivo	02

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Percebe-se, no quadro 18, melhor adequação no uso das palavras, dando um direcionamento mais preciso de busca; entretanto chama atenção apenas duas palavras relativas à tecnologias da Informação e Comunicação. O novo PPC do curso de Arquivologia da UEPB (2016) traz como um dos objetivos específicos: “Capacitar a utilização das tecnologias da informação e compreensão dos conceitos

de documentos digitais gestão e preservação em sistemas automatizados de arquivo”. Apesar dessa preocupação com as tecnologias da informação, em todo o curso até o ano de 2018, os alunos nunca tiveram a oportunidade de diligenciar um repositório digital de fato, somente no último trimestre deste mesmo ano, uma versão online de um repositório digital *O Roda* foi apresentado aos futuros arquivistas. Esperamos que com o advento dessas novas ações, este panorama que demonstramos possa ser modificado e contribua para a quebra de paradigmas dessa cultura acadêmica ainda tão tradicionalista.

Já no ano de 2017, foram vinte e sete assuntos, dentre os quais apenas cinco se repetem, evidenciando o que já relatamos anteriormente a baixa de produção de trabalhos de conclusão de curso em anos ímpares.

Quadro 19- Assuntos TCCs ano de 2017

ASSUNTOS/ ANO 2017	QUANTIDADE
1- Gestão documental	09
2- Práticas arquivísticas	02
3- Relato de experiência sobre arquivos	04
4- Relatório de estágio	03
5- Tecnologia da informação e comunicação	02

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Continuamos na mesma linha de produção, a gestão documental é o assunto mais abordado, implicando na omissão de outros possíveis assuntos arquivísticos que não estão sendo aludidos. Este mapeamento de área se faz importante para que possamos avançar, pois a detenção de abordagem em determinado tema ao longo do tempo, limita o avanço do conhecimento, estabelecendo uma cultura simplista e repetitiva, indo de encontro à evolução tecnológica, arquivística e informacional que estamos inseridos.

Dentre as palavras-chave que fogem do padrão nesse ano, encontramos: capoeira, cinema de rua, companhia brasileira de trens urbanos, cristo rei, cultura negra, imagem radiológica, Itaporanga-PB, organização, Remígio-PB, romaria, dentre outros, como mencionado anteriormente, esse desarranjo contribui para a queda da qualidade científica no que concerne a produção acadêmica na Arquivologia.

Vejamos o quadro referente às repetições das palavras-chave no ano de 2017:

Quadro 20- Palavras-chave que se repetiram em 2017

PALAVRAS-CHAVE	NÚMERO DE REPETIÇÕES
1- Gestão documental	07
2- Arquivologia	05
3- Secretaria de Administração do Estado	04
4- Arquivo	03
5- Arquivos Escolares	03
6- Relato de Experiência	03
7- Tecnologia de Informação e Comunicação	03
8- Arquivo do TJPB	02
9- Arquivo Permanente	02
10- Arquivo Setorial	02
11- Arquivos Hospitalares	02
12- Diagnóstico	02
13- Estágio não obrigatório em Arquivologia	02
14- Gestão da Informação	02
15- Justiça Federal da Paraíba	02
16- Organização	02
17- Organização Arquivística	02
18- Patrimônio Imaterial	02
19- Preservação Digital	02
20- Recuperação da Informação	02
21- Relato de Estágio não Obrigatório	02
22- Relatório de Estágio	02

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Percebemos que em todos os anos, a Gestão documental é o assunto mais abordado no curso de Arquivologia da UEPB, totalizando trinta e três trabalhos, nestes quatro anos analisados, representando um percentual de 14% do total. Demonstrando uma tendência em permanecer em uma perspectiva custodial acerca do conceito de Arquivo.

Quanto aos relatórios de estágio, apresentam-se com uma abordagem sobre o arquivo a qual o aluno estagiou; na maioria das vezes, estágio não obrigatório, ou seja, fora da universidade, que corrobora na condição de que o arquivo é o objeto de estudo preferido dos alunos, seja pela facilidade em já conhecer o arquivo, seja por comodismo, ou ainda não se sentir à vontade em abordar áreas as quais não estejam familiarizados.

4.2 QUATRO POLOS PARA OLHAR O OBJETO DE PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA: TENDÊNCIAS CULTURAIS SENDO FORMADAS

Quanto à abordagem do objeto arquivístico, utilizaremos quatro polos conforme citado anteriormente, estes foram desenvolvidos de acordo com a necessidade desta pesquisa, porém sem fugirmos da essência arquivística:

POLO 1- PÓS-CUSTODIAL- informação como objeto, informação social e informação orgânica;

POLO 2- CUSTODIAL- arquivo e documento de arquivo como objeto;

POLO 3- CIENTÍFICO- comunicação, produção científica;

POLO 4- PROFISSIONAL- perfil dos profissionais e estudantes de Arquivologia.

Diante dos 230 TCCs ao analisarmos seus títulos, palavras-chave e resumos, com o objetivo de verificar seu objeto de estudo, optamos por alocá-los em polos, dessa forma, facilitando o entendimento para apontar qual cultura estamos formando no curso de Arquivologia. Ao destrinchar o Objeto de Estudo em quatro polos, notamos que alguns trabalhos não se enquadravam em nenhum destes, destoando-se totalmente de nossa proposta, a exemplo de: encantos do cinema, mesa funcional, curso de empreendedorismo, perspectivas de sustentabilidade, romaria.

Vejamos a partir de cada ano, quais polos são mais utilizados por nosso corpo discente:

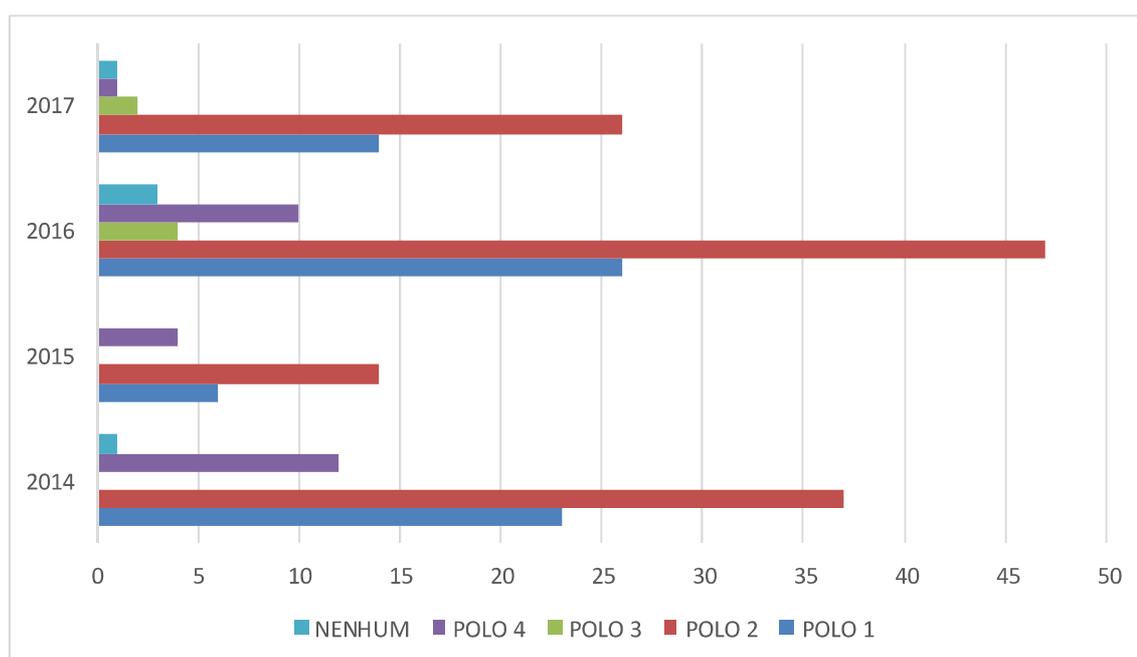
Quadro 21- Distribuição dos Polos por ano

ANO	POLO 1	POLO 2	POLO 3	POLO 4	NENHUM
2014	23	37	-	12	01
2015	06	14	-	04	-
2016	26	47	04	10	03
2017	14	26	02	01	01
TOTAL	69	124	06	27	05

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Percebemos que o polo mais tradicional da arquivística é o que prevalece nas produções dos trabalhos de conclusão de curso em Arquivologia da UEPB, isso demonstra uma forte influência do que se oferece na matriz curricular, além é claro da influência que o corpo docente exerce sobre seus alunos.

Apesar do avanço das tecnologias, de estarmos diante da era informacional, os dados mostram que os alunos tendem a enxergar o arquivo de uma maneira mais tradicional, hipoteticamente falando, essa cultura de ver o arquivo sob uma visão mais custodial também parece-nos ter uma relação com o “não sair de sua zona de conforto”, tendo o arquivista como mero guardião dos documentos, tema que nos parece pertinente ser refletido e discutido na universidade.

Gráfico 3- Quantidade de polos durante o quadriênio

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Os trabalhos demonstram que a visão pós-custodial ainda é algo que não está familiarizado completamente, talvez com a nova matriz curricular de Arquivologia essa visão possa ser alterada, pois ela abrangerá novas áreas que atende melhor a atual conjuntura a qual a Arquivologia se encontra, dando um “upgrade” ao curso.

Com o novo PPC serão inseridas as seguintes disciplinas: direito eletrônico, fundamentos das tecnologias da informação e comunicação, arquitetura da informação, gestão das tecnologias e sistemas arquivísticos, gestão de banco de dados, estas enquanto componente curricular e fundamentos da ciência da informação como componente eletivo.

Outro ponto importante para formação da cultura acadêmica no curso de Arquivologia da UEPB que esta pesquisa traz é a frequência de escolhas dos orientadores, notamos através dos dados, uma tendência de concentração de orientações em um determinado grupo de docentes, enquanto que outros professores do curso deixaram de dar suas contribuições ao longo dos anos, além de existir uma política de inserir os professores substitutos no rol de orientadores. Não estamos fazendo aqui apologia que os professores substitutos não possam orientar, mas há professores efetivos que não tem nenhuma orientação, o que acarreta na perda de contribuição por parte daqueles que permanecerão no quadro, dificultando o aprofundamento das temáticas investigadas visto que o substituto não garante uma continuidade na instituição.

Quadro 22- Número de orientadores por ano

ANO	TOTAL DE ORIENTADORES
2014	18
2015	14
2016	20
2017	11

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A partir dos quadros poderemos visualizar melhor esta situação e acompanhar a discrepância de orientações, chamaremos de OE os professores efetivos, e OS os professores substitutos, os orientadores serão diferenciados por

números, ou seja, OE-1, OE-2, OS-1, OS-2 e assim consecutivamente, dessa forma preservaremos a identidade dos envolvidos, pois nosso objetivo aqui é apontar a formação da cultura acadêmica, assim como o que poderia ser melhorado ao longo desse processo.

Agora vejamos a distribuição da frequência de orientações por cada ano.

Quadro 23- Orientador e quantidade de orientações em 2014

ORIENTADOR	QUANTIDADE DE ORIENTAÇÕES	PERCENTUAL
OE-1	16	22%
OE-2	08	11%
OE-3	08	11%
OE-4	06	8%
OE-5	05	7%
OE-6	04	5%
OE-7	04	5%
OE-8	03	4%
OE-9	03	4%
OS-1	03	4%
OE-10	02	3%
OE-11	02	3%
OE-12	02	3%
OE-13	02	3%
OE-14	02	3%
OS-2	01	1,33%
OS-3	01	1,33%
OS-4	01	1,33%

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

No ano de 2014 o OE-1 obteve 22% das orientações, demonstrando uma espécie de monopólio. Durante o curso, os alunos foram se alinhando e criando uma identidade dentro da academia e se afeiçoando a determinados docentes, esse seria

um dos motivos para a grande demanda de orientações, outro motivo suposto é o fato de alguns professores serem mais flexíveis e mais tranquilos com relação à cobrança de conteúdo e de cumprimento de prazos, isso os alunos vão conhecendo ao longo da trajetória acadêmica e identificando o perfil de cada docente. Também tem aqueles que ajudam nas aquisições de estágios remunerados, e devido o aluno já estar inserido neste cenário, o relatório de estágio acaba virando TCC e este que facilitou o estágio passa a ser seu orientador.

Quadro 24- Orientador e quantidade de orientações em 2015

ORIENTADOR	QUANTIDADE DE ORIENTAÇÕES	PERCENTUAL
OE-1	05	21%
OE-4	03	13%
OE-7	02	8,33%
OE-14	02	8,33%
OS-5	02	8,33%
OS-1	02	8,33%
OE-2	01	4%
OE-3	01	4%
OE-8	01	4%
OE-11	01	4%
OE-15	01	4%
OS-3	01	4%
OS-6	01	4%
OS-7	01	4%

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Observamos que em ambos os anos o OE-1 tem a maior concentração de orientações de TCCs, assim como novos orientadores surgiram em 2015.

Enquanto alguns têm uma espécie de “monopólio” de orientações, ganhando a preferência do alunado, outros professores efetivos sequer chegaram a orientar um único aluno, suponhamos que seja pela disciplina ministrada que não confere uma área ligada diretamente à Arquivologia, ou ainda, por aquele professor não ter

nenhuma formação na área de arquivo ou Ciência da Informação, mas essas questões são hipóteses inquiridas a partir dos anos de vivência acadêmica na instituição e não um fato preciso. Os dados apontam um problema muito sério de distribuição dos orientandos até mesmo porque é quase que sobre-humano um orientador ter 16 orientações em um semestre como mostra, no Quadro 20, o OE1. Certamente, a quantidade dificultará a qualidade destes trabalhos, o que cabe a uma nova pesquisa que não fizemos neste momento.

Quadro 25- Orientador e quantidade de orientações em 2016

ORIENTADOR	QUANTIDADE DE ORIENTAÇÕES	PERCENTUAL
OS-7	10	11%
OE-1	08	9%
OS-3	08	9%
OE-2	07	8%
OE-8	07	8%
OS-5	07	8%
OE-19	07	8%
OE-12	05	6%
OE-14	05	6%
OE-4	04	4,5%
OE-15	04	4,5%
OS-1	03	3,33%
OS-8	03	3,33%
OS-10	03	3,33%
OE-11	02	2,2%
OE-17	02	2,2%
OE-18	02	2,2%
OE-16	01	1%
OE-20	01	1%
OS-9	01	1%

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Em 2016 o professor que mais orientou foi um substituto enquanto que alguns efetivos não orientaram nenhum trabalho. No curso de Arquivologia há um déficit de professores com formação na área, arquivistas no quadro efetivo temos apenas dois, e quanto aos professores substitutos também temos dois atualmente, poderíamos atribuir a isso o fato de um professor substituto ter tido o maior número de orientações neste ano, no entanto percebemos que as escolhas pela substituto ainda reforça a ideia da Arquivologia custodial sem observá-la nas relações interdisciplinares que elas podem acontecer com as diversas áreas que não foram nem citadas até aqui em nenhum momento. Outra preferência do corpo docente são os professores com a formação em biblioteconomia, por esta se tratar de uma área afim o que não modifica a ideologia da formação cultural que se forma.

O que podemos observar é que os graduandos tendem a analisar somente a formação do professor e a disciplina que ele leciona, muitas vezes, não levam em consideração as publicações, as contribuições, o discurso, a história dos outros docentes, limitando-se a escolher sempre os mesmos, conforme foi demonstrado pelos quadros. Vejamos em seguida como ficou esse cenário no ano de 2017.

Quadro 26- Orientador e quantidade de orientações em 2017

ORIENTADOR	QUANTIDADE DE ORIENTAÇÕES	PERCENTUAL
OE-1	07	16%
OS-8	07	16%
OS-3	06	14%
OE-15	05	11%
OS-7	05	11%
OE-2	03	7%
OE-8	03	7%
OE-13	03	7%
OE-19	02	4,5%
OS-5	02	4,5%
OE-12	01	2%

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Embora se perceba uma melhor distribuição, a recorrência das orientações continua, em sua maioria, com os mesmos professores. Para equilibrar esse cenário, seria necessário uma limitação de orientandos por orientador, que fosse cumprida de fato, assim como também uma divulgação ampla do que cada docente poderia abordar enquanto assunto da área de Arquivologia, demonstrando assim que não somente pela formação, mas pelo trabalho e afinidade que cada docente tem enquanto formadores da área, podem contribuir com cada pesquisa.

O que podemos observar é que apesar de alguns professores encabeçarem muitos projetos de pesquisa e extensão, alguns alunos na hora de escolher o orientador, para seu TCC, enveredam por outras áreas, descartando suas produções dentro dos projetos, muitos destes ficando sem continuidade, não podemos deixar de mencionar o fato de que o interesse de fazer parte dos projetos, por parte de alguns discentes, é unicamente a aquisição de bolsas.

No quadro a seguir mostraremos quais orientadores aparecem nos quatro anos de nossa amostra e o total de trabalhos orientados por eles:

Quadro 27- Orientadores que orientaram durante os quatro anos

ORIENTADOR	2014	2015	2016	2017	TOTAL
OE-1	16	05	08	07	36
OE-2	08	01	07	03	19
OE-8	03	01	07	03	14
OS-3	01	01	08	06	16
TOTAL	28	08	30	19	85

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Observamos que há um número significativo de trabalhos orientados por este grupo demonstrado pelo quadro 27, com isso, os discentes são direcionados para uma área específica, gerando descontentamento de alguns professores que não estão sendo aproveitados acarretando na limitação de expansão das outras áreas de conhecimento. O OS-3 foi um caso específico em que o professor se manteve por quase dez anos no curso e, no momento, não se encontra mais.

Vale enfatizar que se percebe uma política de distribuição e monopólio em uma mesma área acarretando uma limitação e expansão de vertentes e estudos diferenciados da Arquivologia. Se há mais de 10 professores efetivos no quadro

permanente da UEPB, muitos em situação de dedicação exclusiva, a política ideológica de pesquisas acarreta uma cultura do curso que fica impossibilitada de expandir e crescer, por várias razões:

O professor substituto tem contrato de dois anos e poderá ser substituído. Assim não consegue efetivar uma proposta que avance em uma linha de pesquisa;

Vários professores efetivos apresentam projetos de pesquisa; portanto, os trabalhos de conclusão de curso poderiam ratificar as pesquisas desenvolvidas;

Percebe-se que há de se estabelecer um código de ética para a iniciação científica para conhecimento dos discentes e docentes ao aceitar um orientando; ora, se o orientando já vem desenvolvendo pesquisa com um determinado professor, inclusive com bolsa, não se justifica fazer um TCC que corresponda ao relatório de estágio apenas para estabelecer relações de permanência e de finanças com quem atribui e encaminha para as instituições. Estas reflexões apenas enfatizam a necessidade de mais diálogo com os discentes para que evitem ações que não correspondam à formação acadêmica integral e profissional como um ato responsável, conforme abordado na teoria bakhtiniana.

Outro ponto que deverá ser repensado é a avaliação permanente do PPC, a matriz curricular deve acompanhar a evolução da área, pois somente após dez anos de fundação do curso foi que este passou por uma reformulação, isso contribuiu diretamente para que temáticas relevantes da área não fossem exploradas nos TCCs, embora possa destacar que houve várias reuniões do corpo docente para a reestruturação do PPC. A Arquivologia é uma ciência ainda em formação, e como tal, as mudanças são constantes, a permanência de uma matriz curricular por um grande período dificulta o crescimento do curso, sendo necessário uma reestruturação constante para abarcar todos os avanços, profissionais, tecnológicos e acadêmicos.

Concluimos esta análise, enfatizando que nos parece claro que é preciso abrir o debate sobre a formação da cultura do curso, observando a arena de lutas entre vozes sociais, na qual atuam “forças centrípetas (aquelas que buscam impor certa centralização verboaxiológica por sobre o plurilinguismo real) e forças centrífugas (aquelas que corroem continuamente as tendências centralizadoras por meio de vários processos dialógicos)” (FARACO, 2009, p. 70). poder

O diálogo entre docentes e discentes pode ser um caminho para que possa ajustar elementos que auxiliem a Arquivologia crescer na UEPB; portanto, perceber que a cultura é realizada pelas ações humanas em suas condições socio-histórica.

[...] percebe-se a existência do jogo de poder entre essas vozes que circulam, na sociedade, correlacionado a sua condição histórico-cultural específica. Nesse sentido, as forças centrífugas da ação humana serão parte inerente ao jogo dos poderes sociais, tentarão passar uma verdade como a verdade, submete a heterogeneidade discursiva para controlar os profissionais de educação pelo discurso, sempre buscarão monopolizar estabelecendo a última palavra até que possa chegar em sala de aula como um signo que detém a dispersão de sentidos e finaliza os diálogos. (SANTOS, 2013, p. 194-195).

A formação de uma cultura estará sempre na arena de vozes que configura a comunidade acadêmica; por isso, quanto mais consciência houver de suas práticas mais espaços acontecerão para o debate democrático e responsivo na universidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Entendemos que a perspectiva científica da informação foi uma inovação no campo da produção e comunicação do conhecimento científico, pois trouxe a possibilidade de toda uma criação de tecnologias de informação que se desenvolveram e continuam a evoluir até os nossos dias. Se num primeiro momento a ênfase era no armazenamento da informação e sua disseminação para grupos específicos, como, por exemplo, os cientistas, hoje, o desafio passa a ser a distribuição de informações que seriam, ou não, úteis para a sociedade em geral.”(FREIRE, 2006, p.13).

Analisar a cultura a partir de seus TCCs oportunizou conhecer melhor as tendências, áreas, fragilidades e limites da comunidade. A análise reforça o entendimento de que os gêneros só podem ser refletidos a partir da dimensão espacial e temporal e devem ser pensados como uma ação de manifestação cultural específica de acordo com a esfera de uso, num *continuum* relacional e dialógico.

Ao analisar os TCCs, motiva-nos também a um trabalho de compreensão das relações entre a expressão da individualidade e as pressões sociais que as determinam como manifestações culturais situadas no espaço e no tempo, um sistema aberto que não há limites para relações dialógicas futuras.

A pesquisa traz discussões que desde a década de 1980 é bastante debatido, a exemplo do que seria o objeto de estudo da Arquivologia, assim traçamos um panorama local acerca do assunto, evidenciando quais influências nossos graduandos estão absorvendo mediante ao que está sendo produzido ao final de sua trajetória acadêmica.

A partir da análise de alguns aspectos, já fica claro o sutil delineamento de uma cultura acadêmica. A monografia é o gênero mais utilizado. O trabalho também aponta sobre a inconsistência do quantitativo dos TCCs no repositório institucional ao longo dos anos, o que dificulta o acesso e a recuperação da informação. O assunto mais abordado foi a gestão documental, que reflete diretamente sobre a visão que os discentes têm do curso, tratando-o sob uma perspectiva tradicionalista.

E como vimos, mediante as análises das produções acadêmicas, o curso de Arquivologia da UEPB demonstra permanecer numa linha custodial, tendo uma visão mais centrada no arquivo propriamente dito e seu documento. Evidenciado

tanto em relação aos polos que apresentamos, quanto ter a Gestão de documentos como o assunto mais abordado. Também podemos refletir que uma cultura é construída pela concepção de seus docentes e refratam a formação inicial e continuada dos orientadores, neste caso, a pequena parcela que mais orientou no período do recorte da pesquisa.

A pesquisa sugere que, no ponto de vista contemporâneo, existe uma real necessidade de que a perspectiva pós-custodial seja adotada, pois a informação social hoje é uma realidade, onde a visão de que o arquivista é apenas um “guardião de acervos” é coisa do passado, e que precisamos avançar.

Além disso, o estudo demonstrou claramente que há um monopólio por parte de um grupo de orientadores, somente este grupo, foi responsável por 85 trabalhos, totalizando 37% de todas as orientações do quadriênio amostral. Há um número considerável de TCCs orientados por professores substitutos, vale ressaltar que dentre os dez substitutos listados, atualmente (ano de 2018) somente dois destes continuam lecionando, demonstrando que a não permanência desses orientadores acarreta na descontinuidade de uma determinada proposta de aprofundamento de um objeto de pesquisa, mesmo que pertença às linhas propostas de seu PPC.

As evidências desveladas na pesquisa apontam para a necessidade de ampliarmos a produção científica abarcando novas perspectivas, quebrando paradigmas, e atentando para pequenos deslizes no tocante ao que estamos produzindo, a exemplo dos descritores que não condizem com um padrão científico, palavras-chave sem nenhum critério de representação da informação. Como vimos na área da saúde já conta com um instrumento capaz de padronizar seus descritores, fazemos esta provocação para que os pesquisadores da Arquivologia, assim como os docentes do curso, reflitam sobre como estes trabalhos estão sendo representados cientificamente e possam fortificar mais os grupos de pesquisa cadastrados no CNPq e validados pela UEPB.

Reconhecemos os limites desta pesquisa diante de tantos dados que podem ainda ser analisados por outros pesquisadores com outros objetivos e com outras metodologias, ampliando a discussão em favorecimento da ciência e da Arquivologia. Assim, podemos expandir a Arquivologia em um processo interdisciplinar com outras ciências nas variadas vertentes de enxergar o objeto científico da Arquivologia, conforme apresentamos na fundamentação teórica deste trabalho. Entendemos que a ausência de trabalhos em algumas das vertentes

simboliza a cultura desenvolvida por um grupo, formada por seus discentes e docentes.

Por fim, parafraseando Santos (2013), reiteramos que a utopia de uma universidade mais plural resulta do enfrentamento de relações de poder em forças centrípetas que consagram determinados paradigmas, que se sobrepõem às divergências e definem como normas coletivas para um grupo cultural o que é de interesse de poucos. Entre as normas e a cultura emergentes no dia a dia do ensino, da pesquisa e da extensão, refletir sobre as relações sócio-históricas nas práticas acadêmicas da escrita de seus TCCs, sobre as normas que regulam o processo acadêmico, parece-nos pertinentes tomarmos duas atitudes: 1. tornar-nos conscientes de nossas condições culturais (do papel das instituições, dos objetos, dos participantes na produção do saber e deste com questões de prestígio, poder e sucesso profissional); e 2. aprender a transformar nossas condições culturais através do diálogo, do confronto e do desenvolvimento das práticas acadêmicas para que se possa ampliar a pesquisa em Arquivologia em suas variadas vertentes. Conscientes de nossas condições culturais, o TCC é um espaço aberto para o diálogo e o confronto de vozes que podem aparecer como transformadoras de uma realidade.

REFERÊNCIAS

- BELLOTO, H. L. O papel instrumental dos arquivos e as qualidades profissionais do arquivista. **ÁGORA**, Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 5-18, jul. 2012.
- BENAVENTE, A. et al. **A literacia em Portugal**: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Conselho Nacional de Educação, 1996.
- BEZERRA, P. (Org.). **Mikhail Bakhtin**: Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 104 p.
- DE BRUYNE, P. et al. **Dynamique de la recherche em sciences sociales de pôles de la pratique méthologique**. Paris: P.U.F, 1974.
- FARACO, C. A. **Linguagem & Dialógica**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016. 160p.
- FREIRE, G.H. A. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n. 1, p. 6-19, jan./jun. 2006. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n1/v11n1a02>>. Acesso em: 27 nov. 2018.
- GOMES, L. I. E. A importância do estudo orgânico-funcional na investigação arquivística: o caso da Administração da Universidade de Coimbra. In: SANTOS, E. C.; SILVA, A. K. A.; CARVALHO, E. T. G. (Orgs.). **Arquivologia**: história, tipologias e práticas profissionais. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 129-170.
- JARDIM, J. M. A formação do arquivista na sociedade da informação. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 7., 2001, Lisboa. **ACTAS**. Lisboa, 2001. Disponível em: <<https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/707/706>>. Acesso em: 9 nov. 2018.
- MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 2. Ed. São Paulo: Contexto. 2005. p. 151-166.
- MARQUES, A. A.C. Delineamento do Objeto e da Metodologia de uma Pesquisa em Arquivologia: Escolhas de um percurso Acadêmico-Científico. In: SANTOS, E. C. (Org.). **Pesquisa em Arquivologia fronteiras e perspectivas epistemológicas**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 199-220.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RIBEIRO, F. O perfil profissional do arquivista na Sociedade da Informação. In: *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 2005. Porto. **Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia**, 2005, p. 49-57.

RIBEIRO, F.; SILVA, A. M. B. Um modelo sintético de licenciatura para uma ciência da informação consolidada: o caso português. In: **ENANCIB- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SANTOS, E. C. **Uma proposta dialogica de ensino de gêneros acadêmicos**: nas fronteiras do projeto sesa . 2013. 419 p. Tese (Doutorado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação em Linguística PROLING, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SANTOS, V. B. **A arquivística como disciplina científica: princípios, objetivos, objetos**. 1.ed. Salvador: 9Bravos, 2015.

SCHMIDT, C. M. S. Entre o documento de Arquivo e a Informação Arquivística: reflexão acerca do objeto científico da Arquivologia. In: SANTOS, E. C. (Org.). **Pesquisa em Arquivologia fronteiras e perspectivas epistemológicas**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 169-198.

SCHMIDT, C. M. S. **Arquivologia e a construção de seu objeto científico**: concepções, trajetórias, contextualizações. 2012. 320 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)- Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Escola de Comunicação e Artes- ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, A.M. Literacia Informacional e o Processo Formativo Desafios aos Profissionais da Informação. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 10., 2010, Lisboa. **ACTAS**. Lisboa, 2010. Disponível em: < <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/224/22> >. Acesso em: 9 nov. 2018.

SILVA, A.M. Inclusão Digital e Literacia Informacional em Ciência da Informação. **Revista de Ciências e Tecnologias da Informação e Comunicação**, Porto, n.7, 2008. Disponível em: < <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2082/1917> >. Acesso em: 9 nov. 2018.

SILVA, A. M. O método quadripolar e a pesquisa em literacia informacional. In: SANTOS, E. C.; SOUSA, F. F. (Orgs.). **Seminários de saberes arquivísticos**: reflexões e diálogos para a formação do arquivista. Curitiba: Appris. 2013. P.23-46.

SILVA, A. M.; RIBEIRO, F. **Das “Ciências” Documentais à Ciência da Informação**: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SILVA, A. M. et al. **Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação**. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SILVA, E. P. A Noção de informação arquivística. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO-ENANCIB, 11, 2010, Rio de Janeiro. **Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação**.

SOARES, A.P.A.; PINTO, A.L.; SILVA, A.M. O paradigma pós-custodial na Arquivística. **Páginas a&b**, Porto, v. 3, n. 4, p. 22-39, 2015.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas. **Sobre**. Disponível em: <<http://centros.uepb.edu.br/ccbsa/sobre/>> Acesso em: 18 março 2018.